

REVISTA MENSAL

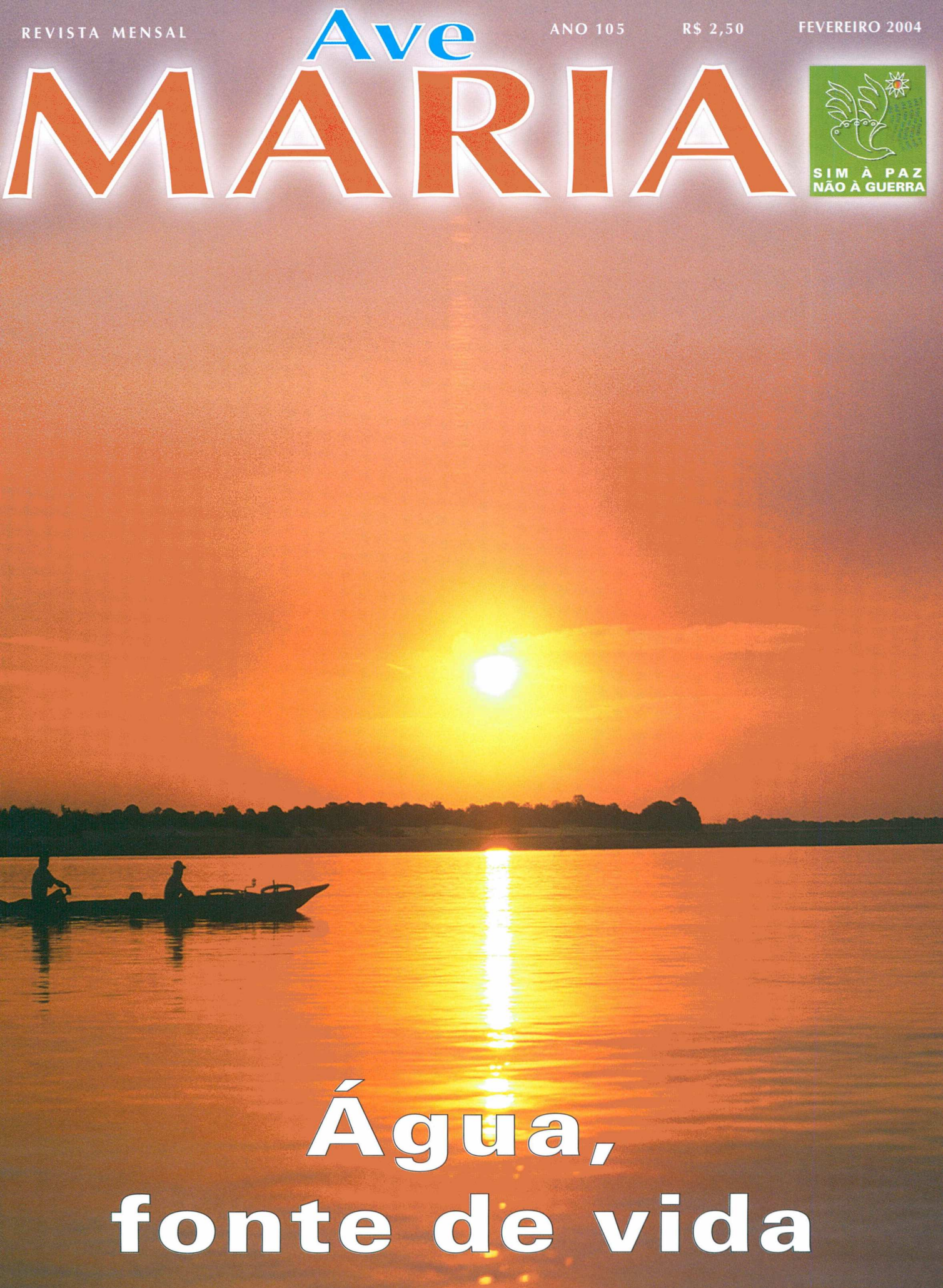
Ave

ANO 105

R\$ 2,50

FEVEREIRO 2004

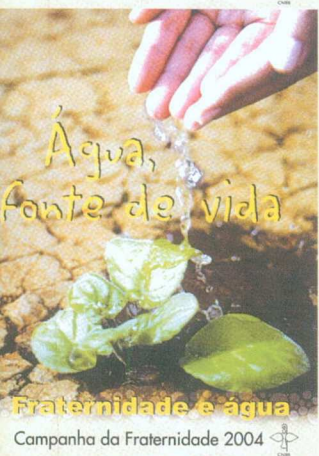
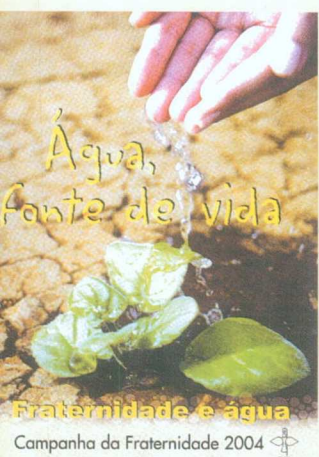
MARIA



Água,
fonte de vida



Cartaz da CF' 2004



Oração da Campanha da Fraternidade para 2004

Bendito sejas, ó Deus Criador,
pela água, criatura vossa,
fonte de vida para a Terra
e os seres que a povoam.

Bendito sejas, ó Pai Providente,
pelos rios e mares imensos,

pela bênção das chuvas, pelas fontes refrescantes
e pelas águas secretas do seio da terra.

Bendito sejas, ó Deus Salvador, pela água feita vinho em Caná,
pela bacia do lava-pés e pela fonte regeneradora do Batismo.

Perdoai-nos, Senhor Misericordioso,
pela contaminação das águas, pelo desperdício e pelo egoísmo
que privam os irmãos desse bem tão necessário à vida.

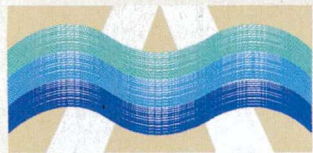
Dai-nos, ó Espírito de Deus, um coração fraterno e solidário,
para usarmos a água com sabedoria e prudência
e para não deixar que ela falte a nenhuma de vossas criaturas.

Ó Cristo, Vós que também tivestes sede,
ensinai nos a dar de beber a quem tem sede.

E concedei-nos com fartura a água viva
que brota de Vosso coração e jorra para a vida eterna.

Amém.

Com a aprovação de d. Odilo Pedro Scherer,
Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregjani;

Administração: Nestor A. Zatt;

Supervisor-Geral: Hely Vaz Diniz

Redação: Avelino S. de Godoy; Eduardo Russo; Adelinio Dias Coelho. Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy. Assinaturas: Geraldo José Carnesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP 01226-000. Tels: (011) 3666-2128 e 3823-1060 ou Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP. Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu, SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento de R\$ 25,00, referente à assinatura ou renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por cheque, em nome da CMF Revista Ave Maria ou depositado nos Bancos: ITAU — Ag. 0061 C/C 51 519-3 ou BANCO DO BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas podem ser feitas também nas livrarias Ave-Maria.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3663-3491

**Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)**

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos eles. A seguir a lista dos colaboradores legais:

São Paulo: Andréia Maria Ferreira Reis; Benedito Carlos Câmara; Dideró Ribeiro; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan.

Minas Gerais: Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes; Gilmar Diniz Silva. — **Goiás:** Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gomides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva. Sérgio Pierozan.

Paraná: José de Lima. — **Grande do Sul:** Harieta Moehlecke Drech; — **Ceará:** José Erivaldo Lima Miranda.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue para a Revista Ave Maria

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Água, fonte de vida

Enter e sair da cidade de São Paulo forçosamente nos obriga a utilizar as rodovias marginais dos rios Tietê e Pinheiros. Em ambas, o trânsito é intenso e, se houver engarrafamento, mais o calor da raiva, é infernal. Ficar parado num lugar agradável, com belos jardins, gramas e folhagens coloridas, flores e passarinhos, até é suportável, porém, junto a montes de lixo malcheiroso, é o caos.

O Brasil inteiro já viu imagens e ouviu falar desses rios poluídos por causa das enchentes. Circundam a grande cidade de São Paulo e sua água é suja e lamacenta, resultado de despejo de lixo, esgotos, enxurradas de ruas e telhados lavados pelas chuvas. Neles, não existem peixes. Não há vida. Ninguém se atreve a nadar ou mergulhar. O risco de contrair doenças é total. É triste pensar que a chuva, dom de Deus, água pura que vem do céu e fonte de vida, possa se transformar num lodaçal por causa de nosso descaso e irresponsabilidade. Urge considerar que devemos ter um outro comportamento com o lugar que é de todos.

A Campanha da Fraternidade (CF) deste ano tem por lema “Água, fonte da vida”. Convida todos a séria reflexão e tomada de consciência, levantando importante questão: como estamos tratando da nossa irmã água?

A revista *Ave Maria* é solidária a esta Campanha; por isso, apresentará, em cada mês, um resumo de temas tratados no “Texto-Base da CF” 2004”. O objetivo é sempre crescer em conhecimento sobre a missão do cristão de evangelizar, isto é, ser anúncio da boa nova de Jesus para que todos tenham vida em abundância. Assim como os rios recebem afluentes e vão aumentando em volume e ampliando margens, assim também ocorre com nosso conhecimento e ciência das coisas, conhecer mais para agir melhor.

A CF propõe compromissos para ações concretas, visando ao bem comum, no lugar do individual; o sentimento solidário, em vez do egoísta; o espírito de vida fraterna e respeitosa, em oposição ao conflitivo e de competição; o coração aberto para acolhimento, no lugar do insensível com a exclusão.

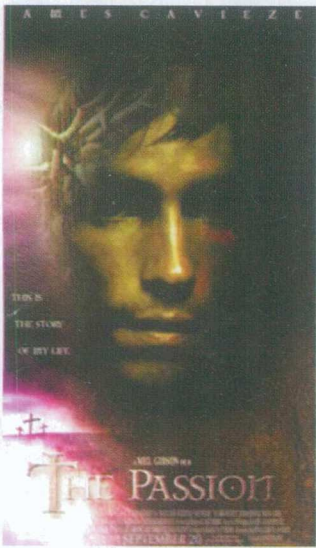
* No artigo “Água, fonte de vida” (p.7), João Batista Libânio nos lembra que o momento conjuntural é propício para a seguinte reflexão: a morte da água é a morte da vida. Aponta a educação na família, na escola e na catequese para mudar a cultura de descaso com a natureza e a água. * Pe. Zezinho em “Um planeta chamado homem” (p.11), adverte sobre o resultado negativo do nosso desrespeito à vida, poluindo e interferindo na terra, nas florestas, na água, de forma ignorante e desequilibrada. * Em “Os olhos que eu evitava olhar” (p.12), Luís Erlin diz da importância de superar preconceitos para se aproximar do semelhante, mesmo miserável, e descobrir outra sabedoria, vinda não dos bancos da escola, mas da experiência pessoal de vida. * Frei Betto em seu artigo “Deus é negro” (p.13), descortina a exuberante vitalidade que aflora no corpo e no espírito do homem e da mulher de pele negra. O mistério da vida pelas mais diferentes formas, cores e histórias nas quais possa se manifestar, sempre revela a presença do Criador.

Em nossa profissão de fé, dizemos: “Creio em Deus... criador do céu e da terra...”, isto é, criador de todas as coisas existentes para o bem da vida. A água, assim como o ar e a terra, são bens essenciais à vida de todos. Somos uma mesma humanidade, criaturas de Deus “num mundo onde caibam todos” — como diz D. Pedro Casaldáliga — “segundo a medida da dignidade humana”.

PCG



Paixão de Cristo



Roma, Itália, 10/12/03. “Sem violência gratuita nem rastro de anti-semitismo, com “A Paixão de Cristo” Mel Gibson oferece uma produção de sensibilidade artística e religiosa”, afirma o dominicano Augustine Di Noia, subsecretário da Congregação vaticana para a Doutrina da Fé. “Qualquer um vendo esse filme, crente ou não, se verá obrigado a confrontar-se com o mistério central da paixão de Cristo, de fato, do próprio cristianismo: Se este é o remédio, qual foi o mal?”.

“Sem ser um trabalho documentário, mas de imaginação artística, o filme de Gibson é absolutamente fiel ao Novo Testamento” — confirma o padre Di Noia — “incorpora elementos da Paixão de Mateus, Marcos, Lucas e João, mantendo-se fiel à estrutura fundamental comum aos quatro relatos”. É impressionante, na opinião do pe. Di Noia, a inter-

pretação de Jim Caviezel e Maia Morgenstern. “Caviezel comunica, convincente e eficazmente, que Cristo está sofrendo sua paixão e morte por vontade própria, em obediência ao Pai, para satisfazer a desobediência do pecado”. A interpretação de Maria de Maia Morgenstern “é igualmente poderosa”, reconheceu: “recolo-me de algo que Sto. Anselmo disse, em um sermão sobre a Virgem: sem o Filho de Deus, nada poderia existir, sem o Filho de Maria, nada poderia ser redimido...”

“...De todos os personagens da história, talvez somente Maria seja realmente sem culpa. Nenhuma pessoa nem grupo atuando independentemente dos demais é culpado: todos o são”, afirma o dominicano. Contudo — constata —, de um ponto de vista teológico, Mel Gibson representou de maneira muito eficaz este elemento crucial na compreensão cristã da paixão e morte de Cristo”. Com efeito, “a narração conta como os pecados de toda aquela gente conspiram para provocar a paixão e morte de Cristo, e sugere a verdade fundamental de que somos todos culpados. Seus pecados e nossos pecados levam Cristo à cruz, e ele o suporta, voluntariamente constatou o pe. Di Noia, em declarações exclusivas à ZENIT. (Endereços na internet: zenit.org ou <http://www.zenit.org>).

Cursos do Celam

Em 2004, o Instituto de Doutrina Social da Igreja, do Conselho Episcopal Latino-americano, oferece os seguintes cursos: Especialização em doutrina social da Igreja; Formação sócio-política; Gestão para a convivência e a paz; Curso de pluralismo religioso e ecumenismo; Curso sobre “As religiões em Medellín”. Mais informações pelos endereços eletrônicos: carlosam@cis.net.co ou indoso@upb.edu.co

Grito continental

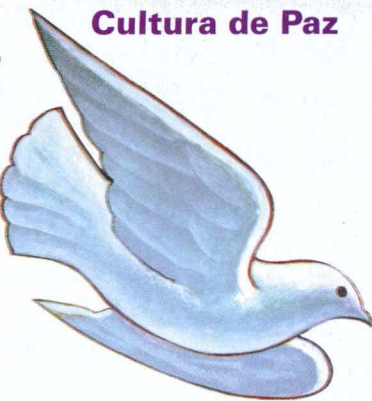
Os membros da coordenação continental do Grito dos Excluídos, juntamente com a coordenação da Campanha Jubileu Sul reuniram-se na cidade do Panamá, país do mesmo nome, de 11 a 14/12/03. Participaram 35 pessoas, representando 12 países da América Latina e Caribe. Os primeiros dois dias, reservados ao Grito dos Excluídos, foram dedicados a uma avaliação das atividades em 2003 e planejamento para 2004, em âmbito continental. Os participantes foram unânimes em reconhecer a importância do Grito, seja no sentido de dar visibilidade aos problemas e às lutas dos próprios excluídos, seja como espaço de encontro para o fortalecimento de redes de apoio e solidariedade à sua organização. Ao final, decidiu-

se por uma Declaração do Panamá, e, em termos de atividades, pela priorização de alguns compromissos para o calendário de 2004, com destaque para a Campanha contra a Alca, a preparação do Fórum Social Mundial, a elaboração de subsídios populares e de um livro, o fortalecimento das coordenações nacionais e encontros por grandes regiões. Nos dias seguintes, 13 e 14/12/03, a Campanha Jubileu Sul reuniu vários representantes do continente. A conclusão é que se deve combater em três frentes simultâneas: contra a Alca, contra a militarização no continente e contra o pagamento de juros e serviços da Dívida Externa.

CONSEP

De 16 a 18/12/03, realizou-se, na sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, em Brasília, DF, mais uma reunião do Conselho Episcopal Pastoral, CONSEP. A reunião teve como pauta, entre outros assuntos, o Projeto de Evangelização, a Campanha da Fraternidade de 2005, o Congresso Vocacional, o matrimônio e as organizações religiosas no novo Código Civil, Assembléia dos Organismos, Centenário da Coroação de Nossa Senhora Aparecida, lançamento do Projeto Ação “Cultura de paz e superação da violência”.

Cultura de Paz



A Comissão Brasileira Justiça e Paz lançou, no dia 16/12/03, o Projeto Ação “Por uma cultura de paz no Brasil: superando as violências”. Na ocasião, foram apresentados os “Cadernos Justiça e Paz”. O evento aconteceu no auditório Dom Hélder Câmara, na sede da CNBB, em Brasília, DF.

Vocações

Com o tema “Igreja, Povo de Deus e serviço da vida” e com o lema “Ide também vós para a minha vida” (Mt 20,4) realiza-se, em 2005, o 2º Congresso Vocacional. O objetivo é celebrar e animar a caminhada vocacional da Igreja no Brasil, no contexto dos 40 anos das conclusões do Concílio Vaticano II.

CF’2005

As Igrejas-membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC (Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Cristã Reformada, Igreja Episcopal Anglicana no Brasil, Igreja

Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Metodista, Igreja Ortodoxa Siriana, Igreja Presbiteriana Unida, Igreja Presbiteriana Independente), assumiram o compromisso de realizar juntas uma nova Campanha da Fraternidade, no ano de 2005, para dar impulso à Década para Superar a Violência e contribuir na preparação da IX Assembléia do CMI. A Campanha da Fraternidade de 2005 será, portanto, ecumênica. Ecumênica porque as Igrejas do CONIC a realizarão juntas e, ainda que sob sua responsabilidade, estará aberta à participação de todas as denominações cristãs e pessoas de boa vontade que quiserem nela comprometer-se, no espírito do ecumenismo. Para essa finalidade foi constituída uma Comissão responsável pela sua realização, formada por dois delegados de cada Igreja-membro do CONIC. A Igreja Metodista é representada por dois delegados da 3ª Região Eclesiástica. A Comissão responsável quer prepará-la da forma mais participativa possível. Por esta razão lançou um Concurso Nacional para a produção do cartaz e para a escolha dos cantos desta CF 2005 Ecumênica, que terá como tema: “Solidariedade e Paz” e como lema: “Felizes os que promovem a paz”. Mais informações na internet: cf@cnbb.org.br ou conic.brasil@zaz.com.br ■

A IGREJA NO MUNDO • Notícias	4
PALAVRA DO PAPA • Educar para a paz	6
CAMPANHA DA FRATERNIDADE • Água: fonte de vida <i>João Batista Libânio</i>	7
• Fraternidade e água / Água, fonte de vida Texto-base CF’2004	9
FÉ E CIDADANIA • Um planeta chamado homem <i>Pe. Zezinho, scj</i>	11
• Os olhos que eu evitava olhar <i>Luis Erlin</i>	12
• Deus é negro <i>Frei Betto</i>	13
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR • Nossa Senhora dos Esponsais <i>Roque Vicente Beraldi</i>	14
EDUCAÇÃO • Complexidade humana e adolescência <i>Izabel Petraglia</i>	15
FÉ E CIDADANIA • Drogas: uma viagem sem volta <i>Maria Clara Lucchetti Bingemer</i>	18
LINGUAGEM POSITIVA • Um á-bê-cê de direitos humanos <i>Francisco Gomes de Matos</i>	19
A PALAVRA É... • Carnaval – Quaresma <i>Luis Erlin</i>	21
HISTÓRIA DA IGREJA • DEUS, centro de todas as religiões <i>José Maria Vigil</i>	22
REFLEXÕES BÍBLICAS • Semântica e sacramento <i>Elias Leite</i>	24
LITURGIA DA PALAVRA • De 29 de fevereiro a 21 de março de 2004 <i>Adelino Dias Coelho</i>	26
MEU LAR • Confusão na cabeça da criança <i>Wimer Botura Jr.</i>	31
CULINÁRIA • Vamos cozinhar?! <i>Yvonne Barros Oliveira</i>	32
TURMA DA MAÍRA <i>Tina Glória</i>	33

Educar para a paz

Selecionamos, da mensagem do papa João Paulo II para a celebração do Dia Mundial da Paz, proferida em 1.º de janeiro de 2004, o seguinte trecho:

“A chaga funesta do terrorismo — Hoje o direito internacional tem dificuldade em oferecer soluções para os conflitos originados pelas mudanças na fisionomia do mundo contemporâneo. Com efeito, essa conflitualidade conta, com frequência, entre os seus protagonistas *atores que não são Estados*, mas entes derivados da desagregação dos Estados, ou ligados a reivindicações independentistas, ou conexos com aguerridas organizações criminosas. Um ordenamento jurídico, constituído por normas elaboradas ao longo de séculos *para disciplinar as relações entre Estados soberanos*, sente-se em dificuldade para fazer frente a conflitos onde agem também *entes não redutíveis aos tradicionais caracteres da estadualidade*. Isto verifica-se, particularmente, no caso dos grupos terroristas.

Nestes últimos anos, a chaga do terrorismo ficou mais virulenta produzindo cruéis massacres, que têm tornado cada vez mais cheio de obstáculos o caminho do diálogo e das negociações, exacerbando os ânimos e agravando os problemas, particularmente no Oriente Médio.

Todavia, para sair vencedora, *a luta contra o terrorismo não pode exaurir-se meramente em operações repressivas e punitivas*. É essencial que o recurso necessário à força seja acompanhado por uma análise corajosa e lúcida das *causas subjacentes*

aos ataques terroristas. Ao mesmo tempo, o empenho contra o terrorismo deve traduzir-se também no plano *político e pedagógico*: por um lado, removendo os motivos que estão na origem de situações de injustiça, donde brotam tantas vezes os impulsos para os atos mais desesperados e sangrentos; por outro, insistindo numa educação inspirada pelo respeito da vida humana em todas as circunstâncias: com efeito, a unidade do gênero humano é uma realidade



mais forte que as divisões contingentes que separam homens e povos.

Na forçosa luta contra o terrorismo, o direito internacional é agora chamado a elaborar instrumentos jurídicos dotados de eficientes mecanismos de prevenção, monitorização e repressão do crime. Em todo o caso, os governos democráticos bem sabem que o uso da força contra os terroristas *não pode justificar a renúncia aos princípios dum Estado de direito*. Seriam inaceitáveis opções políticas que buscassem o sucesso

sem ter em conta os direitos fundamentais do homem: *o fim não justifica os meios!*

A contribuição da Igreja — *Bem-aventurados os obreiros da paz, porque serão chamados filhos de Deus* (Mt 5,9). Como poderia esta palavra, que convida a agir no imenso campo da paz, encontrar ressonâncias tão intensas no coração humano, se não correspondesse a um anseio e a uma esperança que vivem, indestrutíveis, em nós? E que outro motivo poderá haver para os obreiros da paz serem chamados filhos de Deus, se não porque ele, por natureza, é o Deus da paz? Por isso mesmo, no anúncio de salvação que a Igreja proclama pelo mundo, há elementos doutrinários de importância fundamental para a elaboração dos princípios necessários para uma pacífica convivência entre as nações.

As vicissitudes históricas ensinam que a construção da paz não pode prescindir do respeito dum ordem ética e jurídica, segundo esta máxima antiga: *preserva a ordem, e a ordem te preservará*. O direito internacional deve evitar que prevaleça a lei do mais forte. O seu objetivo essencial é substituir a força material das armas pela força moral do direito, prevendo apropriadas sanções para os transgressores, bem como adequadas reparações para as vítimas. Isto deve valer também para os governantes que violam, impunemente, a dignidade e os direitos do homem, escudando-se sob o pretexto inaceitável de que se trata de questões internas ao seu Estado...

João Paulo II

Água: fonte de vida

J. B. Libânio



Foto: Eduardo Russo

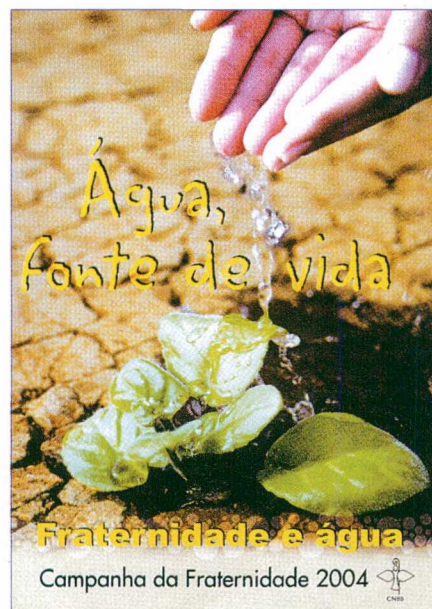
A terra encontrou-se, desde longa data, no epicentro das lutas entre grupos e países. Até hoje, ainda continua. Haja vista a crucial questão da reforma agrária e o medo que se tem do Movimento dos Sem-Terra, MST. E, em termos internacionais, está a guerra no Oriente Médio.

Agora é a vez da água. Pouco a pouco, ela sai do lirismo com que era envolvida. A irmã água de S. Francisco, “útil e humilde, preciosa e casta” não é tão inocente e pura. Esconde uma série enorme de problemas. A Campanha da Fraternidade (CF) para 2004 tocou em imenso vespeiro, ao escolher o tema da água e, ainda mais, sob a perspectiva da vida¹.

O momento conjuntural é propí-

cio para tal reflexão. De muitos e diversos lugares, brota um grito de S.O.S. em defesa da água. O movimento ecológico explora a evidência de que qualquer proteção e salvaguarda do meio ambiente passa pelo tratamento da questão da água. Não há nenhum tipo de vida – vegetativa, animal ou humana – para a qual a água salubre não seja absolutamente indispensável. A morte da água é a morte da vida. E o fim dos ecossistemas. É um ponto fundamental na luta ecológica.

Os estados despertam para essa realidade estratégica. Uns estendem os tentáculos do poderio e da ganância para as regiões ricas em recursos hídricos a fim de abocanhá-los. É o lado político internacional da água. O governo brasileiro, já desde longa data, defronta-se com a seca nas regiões do Nordeste semi-árido. Só que até hoje se nutriu uma indústria da seca em benefício das oligarquias políticas locais. Atualmente se fala do projeto cisterna em articulação com o Fome Zero. Há



esperanças no ar em relação à água.

As Igrejas, com sentido social e evangélico, pensam pastorais em torno da água. Daí, a escolha desse tema para a atual CF. Com espírito ético semelhante, a sociedade civil mobiliza-se em torno dessa questão por meio de ONGs, movimentos sociais, associações e entidades beneficentes.

O sonho da CF vai mais longe. Imagina uma ação conjunta, necessá-



Foto: Silvio Vince Esgalha

ria e inadiável, de corpos sociais nacionais e internacionais, de estados e nações, para salvar o planeta Terra. A água é fonte de e da vida. O acesso à água é patrimônio e direito da humanidade e de todos os seres vivos. Por isso se faz necessário o controle sobre ela por parte de organizações internacionais e do Estado juntamente com a participação da sociedade nas comunidades locais.

Os dados objetivos evidenciam uma realidade ambivalente. De um lado, nenhum recurso vital nos foi dado pela natureza tão abundantemente como a água. O corpo adulto constitui-se de 70% de água enquan-



Foto: Silvio Vinco Esgaltha

to na criança ele atinge a proporção de 90%. 70% da superfície da Terra cobrem-se de água, sem falar das águas subterrâneas. Dessas águas, mais de 97% são salgadas. Imenso órgão marítimo que regula o ritmo da vida de todo o planeta.

De outro lado, há escassez cada vez maior de água limpa, potável, sadia, porque os humanos abalaram o equilíbrio hídrico do planeta. Poluíram e contaminam de tal modo as águas que a maioria das doenças endêmicas vêm de água imprópria. A metade dos leitos de hospital do mun-

do são ocupados por doentes, vítimas de água contaminada. Com efeito, 1,2 bilhão de pessoas não têm água de qualidade para beber. 2,4 bilhões carecem de serviços sanitários. As perspectivas da Organizações das Nações Unidas, ONU, para 2050 são nada róseas. A 40% da humanidade faltará água viva, na expressão da Escritura.

Da massa gigantesca fluvial do Brasil, 70% estão contaminados. O rio São Francisco morre lentamente, os lençóis se contaminam rapidamente, a chuva não é aproveitada. A irrigação não só retira a água e o faz, com freqüência, de maneira irracional, como também a devolve inquinada. Destroí duplamente o equilíbrio das águas.

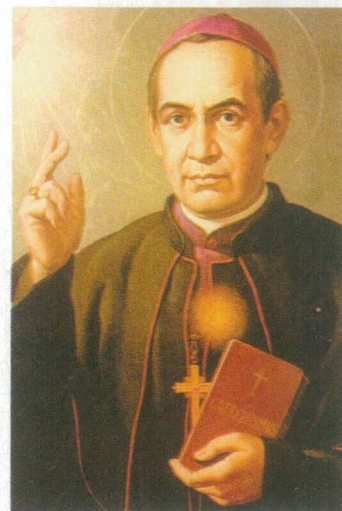
Só uma educação na família, na escola e na catequese, marcando uma mudança cultural, conseguirá deter e reverter esse processo de degradação do meio ambiente e, de modo especial, da água. Assim viveremos tranquilos, sabendo que o presente que Deus nos deu da água, em abundância incalculável, será valorizado e cuidado por nós. Ela nunca faltará então, em quantidade e qualidade, para os filhos e filhas de Deus em toda a humanidade.

¹Vários dados e considerações deste artigo são tomados de: CNBB, *Água, fonte de vida. Fraternidade e água*. Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2004, São Paulo, Salesiana, 2004 e de < A. J. Gonçalves, *Reflexões sobre a CF/2004: Água, fonte de vida* – Setor Pastoral Social da CNBB, in www.cnb.org.br.

J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Servidores da Palavra
ao estilo de Claret,
anunciando a Boa Nova
do Reino a todos os
povos e nações.



*Venha conosco
nessa missão!*

SECRETARIA VOCACIONAL
Campinas, SP
(19) 9604-2745 / 3242-2258
pemaucio@mpc.com.br

Belo Horizonte, MG
(31) 3218-7676
curiabc@uai.com.br

CENTRO PE. JAIME CLOTET
Pato Branco, PR (46) 224-4129
luisfavoretto@bol.com.br

COMUNIDADES CLARETIANAS
Maceió, AL - (82) 326-8122
missaoclaret@ofm.com.br

Campinópolis, MT
(66) 437-1106 -
ciceroseverino@hotmail.com

Taguatinga, DF - (61) 351-1051.

Fraternidade e água

Água fonte de vida

Nesta edição e nas próximas, apresentaremos o "Texto-base" da CF'2004, elaborada pela CNBB.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) propõe, a cada ano, através da Campanha da Fraternidade (CF), um itinerário evangelizador fortemente voltado para a conversão pessoal e comunitária, em preparação à Páscoa. Este ano, a CF atinge um marco importante: é realizada pela 40ª vez!

Os objetivos gerais da CF são sempre os mesmos e decorrem da missão evangelizadora que a Igreja recebeu de Jesus Cristo: em vista do mandamento do amor fraterno, despertar e nutrir o espírito comunitário

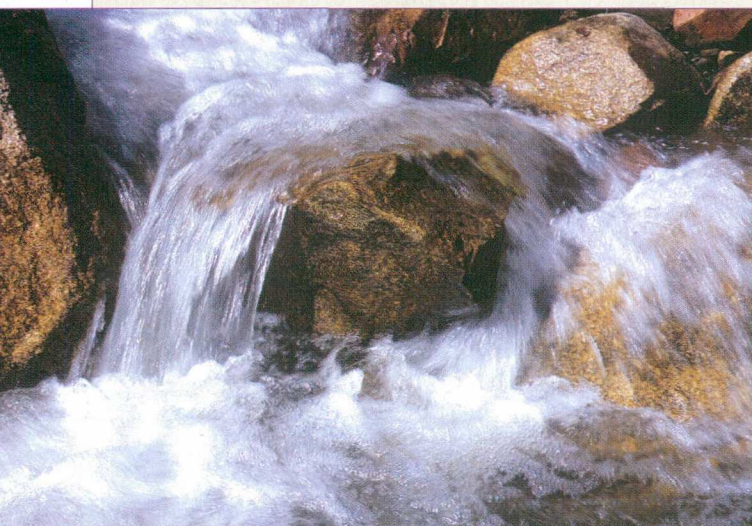


Foto: Silvio Vinice Esgalha

no meio do povo e a verdadeira solidariedade na busca do bem comum; educar para a vida fraterna, a partir da justiça e do amor, que são exigências centrais do Evangelho; renovar a consciência sobre a responsabilidade de todos na ação evangelizadora da Igreja, na promoção humana e na edificação de uma sociedade justa e solidária.

Durante esses quarenta anos, a CF passou por três fases distintas: no início, os temas eram mais relacionados com a renovação da Igreja (1964 e 1965) e a renovação pessoal do cristão (1966 a 1972). Na segunda fase (1973 a 1984), a preocupação era mais voltada para a realidade social mediante a denúncia do pecado social e a promoção da justiça (Gaudium et

Spes — Alegria e Esperança —, documento do Papa Paulo VI (1965) e os de Medellín e Puebla). Na terceira fase (de 1985 até o presente), a Igreja no Brasil propõe temas de reflexão e conversão relativos às várias situações sociais e existenciais do povo brasileiro, que requerem maior fraternidade.

A CF'2004 aborda a questão da água e sua relação com a fraternidade, com o lema: "Água, fonte de vida". Com esta Campanha, a CNBB quer chamar a atenção para o valor vital da água para os seres vivos, sua importância social e a necessidade da participação popular no gerenciamento da água no Brasil; quer também questionar o conceito mercantil da água e mostrar que, mais que um recurso, ela é um patrimônio e um bem necessário a toda a humanidade e a todos os seres vivos; nela, de fato, há um vasto conjunto de valores que dizem respeito às mais diversas dimensões da vida, como o econômico, o sagrado, o simbólico, o lúdico, entre outros.

A questão da água, no Brasil e no mundo inteiro, precisa ser vista a partir de enfoques novos e de acordo com critérios éticos baseados no valor da vida e no respeito aos direitos e à dignidade da pessoa humana, assim como no respeito à obra de Deus Criador.

Portanto, a CNBB convida todos os católicos e também os membros das demais Igrejas e organizações religiosas e não-religiosas, o Poder Público nas suas diversas instâncias e toda a sociedade civil a unirem suas forças para garantir que a água permaneça, de fato, fonte de vida abundante para todos e que ninguém fique excluído dela.

Fazemos votos de que esta CF seja para todas as pessoas uma boa oportunidade para viver intensamente o tempo quaresmal, preparando a participação na Páscoa do Senhor, fonte abundante de esperança e de vida nova para a humanidade. Deus envie sua bênção e conceda frutos de vida e salvação a todos.

Dom Odilo Pedro Scherer, Secretário-Geral da CNBB;
Cônego José Carlos Dias Toffoli, Secretário Executivo
da Campanha da Fraternidade.

Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2004

Introdução

A Campanha da Fraternidade de 2004 (CF' 2004) tem como tema: *Fraternidade e água* e como lema: *Água, fonte de vida*. O tema e o lema se justificam principalmente por causa dos gigantescos problemas que não só o Brasil, mas também toda a humanidade enfrentam diante dessa questão.

O objetivo geral da CF'2004 é conscientizar a sociedade de que a água é fonte da vida, uma necessida-



Cuiabá, MT: Silvío Vinice Esgalha

de de todos os seres vivos e um direito da pessoa humana, e mobilizá-la para que esse direito à água com qualidade seja efetivado para as gerações presentes e futuras.

Para atingir o objetivo geral, a CF propõe os seguintes objetivos específicos:

- conhecer a realidade hídrica do Brasil, a partir da realidade local;
- desenvolver uma mística ecológica que resgate o valor da água nos seus fundamentos mais profundos;
- apoiar e valorizar as iniciativas já existentes no tocante ao cuidado com a água, preservação das águas, captação de água de chuva e recuperação de mananciais degradados;
- provocar e alimentar a solidarie-

dade entre quem tem e quem não tem água;

- defender a participação popular na elaboração de uma política hídrica, para que a água seja, de fato, de domínio público, e seja gerenciada pelo Poder Público com participação da sociedade civil e da comunidade local.

I Parte - VER

A água é patrimônio de todos os seres vivos, não apenas da humanidade. Nenhum outro uso da água, nenhum interesse de ordem política, de mercado ou de poder, pode se sobrepor às leis básicas da vida.

Quanta coisa mudou no mundo, desde quando, há oito séculos, Francisco de Assis louvou a humildade e castidade da água, no seu *Cântico das criaturas!*

Há quinhentos milhões de anos, as águas do nosso planeta são as mesmas, fazendo seu ciclo natural de evaporação, chuva, infiltração no solo e formação de fontes, rios, lagos e lençóis subterrâneos. Depois de terem prestado enormes serviços a toda espécie de vida, elas novamente evaporam, recomeçando o seu ciclo.

Mas, no último século, as águas vieram perdendo sua pureza, atingidas pela poluição e por um aumento tão grande do consumo humano, que um dos principais desafios da humanidade, no século XXI, é a conservação das reservas de água da Terra.

Nós somos água; o corpo de um bebê é 90% água, o corpo de um adulto, 70%. Nosso planeta, à semelhança de nosso corpo, tem 70% de sua superfície coberta por água. Nós nascemos numa bolha de água. No ventre materno, passamos nove meses dentro de uma bolsa com o líquido amniótico. Ele contém todas as subs-

tâncias necessárias para crescermos até saltarmos para o mundo.

Podemos ficar várias semanas sem comer, mas se não ingerirmos líquidos, em dois dias começa o processo de falência múltipla dos órgãos, levando uma criança à morte em cinco dias, e em dez, um adulto. Todas as formas de vida dependem da água. Não existe vida onde não haja água. Por isso, do ponto de vista biológico, água e vida não podem ser separadas.

A saúde depende da água. A maioria das doenças do planeta é causada pelo uso de água imprópria para o consumo humano. Hoje em dia, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas não têm água de qualidade para beber e 2,4 bilhões não têm serviços sanitários adequados. A cada ano, morrem dois milhões de crianças devido a doenças causadas por água contaminada.

Nos países mais pobres, uma em cada cinco crianças morre antes dos 5 anos de idade por doenças relacionadas à água. A metade dos leitos hospitalares do mundo está ocupada por pacientes afetados por enfermidades relacionadas à água.

No Brasil, o direito à água está absolutamente comprometido. Segundo dados da Organização Pan-americana de Saúde, Opas, 20% da população brasileira não tem acesso à água potável, 40% da água das torneiras não tem confiabilidade, 50% das casas não têm coleta de esgotos e 80% do esgoto coletado é lançado diretamente nos rios, sem qualquer tipo de tratamento.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE sobre saneamento se aproximam dos dados da Opas, ao afirmar que 54,4% das crianças, na faixa de zero a 6 anos, vivem em residências sem saneamento adequado. *(Continua.)*

um planeta chamado homem

Pe. Zezinho, scj

Neste pequeno, planeta, que, de tão pequeno nem sequer seria visível de Júpiter, aconteceu um fenômeno incrível chamado homem. HUMANUS, feito de humo, feito de terra, feito de pó.

A *Bíblia* não é um livrinho tão ingênuo quanto alguns cidadãos, supostamente mais cultos, gostariam de supor.

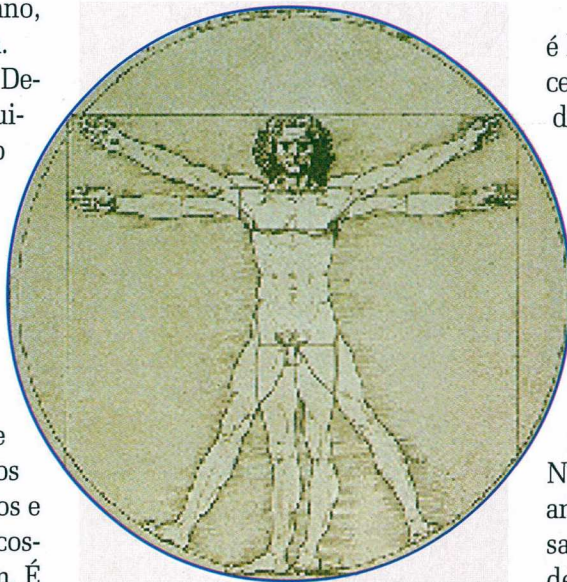
Na história da criação do primeiro casal, há uma colocação impressionante e lúcida: ADAMAH foi o nome que o autor achou para descrever o ser inteligente e especial que Deus criara. E ADAMAH, como humano, têm o mesmo significado de terra.

A humanidade é terra. É pó. Depois, vieram os cientistas e pesquisadores afirmar que o ser humano é composto basicamente de seis elementos, como também o é a vida. E como o planeta, ele é mais água do que sólido. E, como a Terra e demais corpos celestes, é o equilíbrio de seus átomos que o mantém funcionando como um pequeno universo. O que acontece em escala gigantesca, com os astros gravitando em torno uns dos outros e formando um corpo inteligente, o cosmos, também se dá com o homem. É este um pequeno universo que reproduz, em escala de microcosmo, as mesmas evoluções do macrocosmo.

Quem criou o Universo, criou este planetinha Terra. Quem criou este planetinha, criou um tipo de ser inte-

ligente que veio da terra, que para ela deve voltar e age estreitamente ligado a ela. Em cada árvore que ele mata, em cada rio que ele polui, em cada metro de céu que suja, o homem morre um pouquinho. Cada floresta derubada é um suicídio coletivo. É como o sujeito tolo que serra o galho em que está. E morre com ele.

E é por isso que somos todos suicidas, quando permitimos que se desmatem milhares de áreas verdes, quando não reagimos às poluições ambiental, visual e sonora. Quando



Desenho de Leonardo Da Vinci - Proporção

nos calamos diante de testes atômicos e assistimos, impassíveis, ao assassinato da vida no planeta. Somos tão culpados quanto o médico que faz

o aborto, a mãe que o decide e a enfermeira que assiste.

Criança inocente é como a natureza, seu crime é estar no lugar que queremos ocupar, ou ocupar um lugar que desejamos tirar.

Na sanha de desmatar, poluir e sujar, como aprendizes de feiticeiros, enquanto brincamos com armas atômicas e bacteriológicas, estamos nos matando. E se a terra morrer, o homem morre. Morre junto à árvore destruída, junto ao riacho poluído que antes servia à população.

Há um limite para tudo. A *Bíblia* não é livro tão ingênuo quanto possa parecer. Se deu ao primeiro homem o nome de ADAMAH (pó, de terra), se o traduziu como HUMANUS (feito de humo), queria passar alguma mensagem.

E a Igreja afirma, na Quarta-feira de Cinzas: "Lembra-te, homem, que és pó; e voltarás a ser pó". Mas será muito triste se voltarmos como suicidas. E dos povos suicidas, talvez, no momento, não haja nenhum pior do que o brasileiro. Não se desmata impunemente, em 60 anos, quase metade de uma área densamente habitada. Somos um povo desorganizado e doente. E quem não respeita a vida só pode terminar no caos. Que o digam os ecologistas. Sem eles, seremos o país da desordem e do retrocesso. Mais depressa do que imaginamos...

Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

Os olhos que eu evitava olhar

Luís Erlin

Mendigos, incômodo interno. Soco no estômago da sociedade de “casa, cama, mesa e banho”. Encontrá-los pelas ruas, sentados nas portas de estabelecimentos públicos, nas praças... inquietação.

Há uns dias atrás, fui convidado a conhecer a Associação “Minha rua, Minha casa”, que acolhe pessoas em estado de rua. Estado de rua? Sim! Foi a primeira lição que aprendi, pois se digo “morador de rua” determino a condição social e o local dessas pessoas, enclausurando a perspectiva de mudança. Ao contrário, quando digo estado de rua, afirmo que aquele estado é transitório, ocasional, a inclusão neste caso é possível.

Sob o Viaduto Glicério na Liberdade, Capital, São Paulo, onde funciona a associação, mais de duzentas pessoas são assistidas pelo projeto.

Entrei meio que sem jeito no local, o medo de tocar e ser tocado se apossou de mim. Pensei, o primeiro passo para vencer o preconceito eu havia dado... estava ali. Mas como não me deixar vencer pelas aparências, pelo cheiro, pelas feridas, pelos trapos em farrapos?

Pelo instinto, somado ao preconceito, o mais fácil a fazer é

condenar: são vagabundos, não querem trabalhar... Fácil também é desviar quando os vemos na rua, fácil é ignorar que embaixo daquele cobertor asqueroso está alguém, um igual. É fácil refrescar a consciência, dando uma esmola, de vez em quando. O fácil não transforma, acomoda.



Foto: Douglas Mansur

Atento, eu buscava vida, um gesto que fosse de humanidade. Não precisei buscar muito.

Se os olhos são o espelho da alma, encontrei a beleza daquela gente em seus olhos. Olhares sinceros, envergonhados, ariscos, cheios de vitalidade. A mãe que na pobreza afaga o bebê, olhando contemplativamente para ele. Os amigos que conversam sobre suas doenças, trocando miradas de cumplicidade. A criança que olha

com brilho nos olhos as fotos da revista, sonhando com o futuro. Os enamorados que se beijam, revelando pelos olhares a paixão que os devora.

Vitalidade, essa é a palavra. A quem quase tudo foi negado, parece existir um fio de vida capaz de inquietar qualquer

existencialista. O sentido de continuar com a vida não está no poder, no ter, no status, no domínio... está na vida mesma. Querem viver porque o existir é a verdadeira riqueza.

Quem olha nos olhos, se compromete... talvez seja essa a maior experiência que fiz naquele dia.

Depois de distender uma parcela do dito preconceito, aproximei-me para escutá-los. Falavam de tudo... histórias simples, sem muita elaboração, sem medo de revelar o que pensavam e sentiam... não buscavam o

consenso, em suas palavras o retrato do que eram... ingenuidade? Que nada! Sabedoria pura, que não se aprende nos bancos escolares, nos livros, na TV, nas igrejas... somente nas feridas expostas da vida.

Confesso que, ao terminar a visita, tive vontade de sentar-me no chão daquele viaduto e mendigar um pouco que fosse de vida, ou do sentido dela.

Elaborado por Luís Erlin, cmf.





Deus é negro

Frei Betto

Trago no sangue uma África. O reboar de tambores, a ponta afiada de lanças, os riscos coloridos realçando a pele e, na boca, o gosto atávico dos frutos do Jardim do Éden. Na alma, as cicatrizes abertas de tantos açoites, o grito imperial dos caçadores de gente, os filhos apartados de seus pais e os maridos, de suas mulheres, o balanço agônico da travessia do Atlântico e, nos porões, a morte ceifando corpos engolidos pelo mar e triturados pelos dentes afiados dos peixes.

Sou filho de Ogum e Oxalá, devoto de Iemanjá, a quem elevo as oferendas de todas as dores e cores, lágrimas e sabores, o choro inconsolável das senzalas, a carne lanhada de cordas, os pulsos e os tornozelos a ferros, a solidão da raça, o ventre rasgado e engravidado pela feroz pulsão dos senhores da Casa Grande.


Restam-me, na cuia de madeira, as sobras do suíno descarnado e, enquanto a mesa colonial saboreia o lombo, rasgo peles e orelhas, refogo em banha o feijão, fatio em paio as carnes, frito lingüiças e torresmos, apimentado e condimento, e me empanturro. No alambique, colho a seiva ardente da cana, e me trans-

porto aos ancestrais, às savanas e florestas, ao tempo de imensurável liberdade. Nas noites de Casa Grande vazia e capatazes bêbados, enfeito o meu corpo de tinturas e, espelhado no reflexo da Lua, adorno braços e pernas, cubro-me de colares e braçadeiras e, ao som inebriante do batuque, danço, danço, danço, exorcizando tristezas, esconjurando maus espíritos, imprimindo ao movimento de todos os meus membros o impulso irrefreável do vôo do espírito.

Sou escravo e, no entanto, senhor de mim mesmo, pois não há ferrolho que me tranque a consciência nem moralismo que me faça encarar o corpo com os olhos da vergonha. Faço do sexo festa, do carinho, liturgia, do amor, bonança, multiplicando a raça na esperança de quem fertiliza sementes. Dou ao senhor novos braços que haverão de derrubá-lo de seu trono.

Comungo a exuberância da natureza, as copas das árvores são meus templos, do fogão de lenha trago as ofertas, em meu ser trafegam, céleres, cavalos alados, e sigo o mapa traçado pelos búzios, que me ensinam que não há dor que sempre dure, mas o verdadeiro amor perdura. Tão povoado é o céu de minhas crenças que não rejeito nem mesmo a santeria do clero. Antes, reverencio o cavalo de São Jorge, transfiro aos altares a devoção aos meus orixás, lanço ao rio a Virgem negra na fé de que, entre tantas brancas, trazidas no andor do senhor de escravos, chegará o tempo em que a minha será Aparecida e, a seus pés, também os joelhos dos brancos haverão de se dobrar.

Sou liberto e, no fundo das matas, recrio um espaço de liberdade, defendendo com espírito guerreiro o meu reduto de paz. No quilombo, volto à África, resgato a força misteriosa do meu idioma, celebro reisados e congadas, o canto livre ecoando no coro da passarada, as águas da cachoeira expurgando-me de todo temor, as árvores em sentinela cobertas de mil olhos vigilantes.

Cidadão brasileiro, ainda luto por alforria, empenhado em abolir preconceitos e discriminações, grilhões forjados na inconsciência e inconsistência dos que insistem em fazer da diferença divergência e ignoram que Deus é também negro. 

Frei Betto é escritor, autor de "Batismo de Sangue" (Casa Amarela), entre outros livros.



Dançarino do Quênia, África.

Nossa Senhora dos Esponsais

Roque Vicente Beraldi CMF

Após a desobediência de Adão e Eva, a Sagrada Escritura narra como Deus da criação prometeu um Salvador: (Gn 3,15) *Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça...*

A profecia refere-se ao germe da promessa messiânica, e à posteridade da mulher, da qual Jesus Cristo é o mais eminente representante.

Foi do beneplácito de Deus realizar a Encarnação do Verbo Divino, amparando este mistério com a sombra protetora do resguardo conjugal.



Casamento da Virgem, 1504. Rafael

Colaboraram no mistério salvífico do gênero humano Maria e José que souberam honrar tão excelsa dignidade. Ao contrário do que pensavam as mulheres do Antigo Testamento, Maria, certamente, entregara-se ao serviço do templo, sem preocupação por deixar descendência. É o que se deduz das palavras do anjo Gabriel que foi enviado *a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria*. Diante do anúncio feito pelo anjo, Maria pede esclarecimento: *Como se fará isso, pois, não conheço homem?* (Lc 1,26-32).

No Evangelho escrito por São Mateus (1,16 e 18-21; 24-25) lemos: *Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Cristo...*

Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, ela concebeu por virtude do espírito Santo. José, seu esposo que era homem de bem, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente. Enquanto assim pensava, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: "José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo". Despertando, José fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e recebeu em sua casa sua esposa. E, sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz o seu filho, que recebeu o nome de Jesus. Era-lhe conferido o encargo de esposo verdadeiro, para guardar a pessoa da mãe de Deus, a sua vida puríssima e o seu nome ilibado, assim como o próprio Filho de Deus humanado. Por tudo isto, deduz-se a primorosa virtude do patriarca.

É festejando este acontecimento que a tradição mantém esta crença, encenando o evento com floreios da imaginação criadora. Uma lenda narra que eram muitos os pretendentes para casar com Maria. O sacerdote que presidiria a cerimônia, entregou para cada um, uma vareta seca. Aquela que brotasse designaria o escolhido para ser esposo. Foi a haste de São José que apareceu com um lírio. Esta é a razão pela qual muitas imagens do santo aparecem com o símbolo da pureza.

No Rio de Janeiro, a Igreja da Candelária foi decorada pelo pintor Severino da Costa, em 1880. No altar mor, há várias pinturas que retratam fatos da Virgem Maria; entre eles, os esponsais com São José.

Oração

Ó Deus que pela vossa lei destes à família um fundamento inabalável, a exemplo da Sagrada Família, concedei àqueles que também assumem o matrimônio, pratiquem as virtudes domésticas e o amor para com todos e possam alcançar os prêmios eternos na alegria de vossa casa. Por Cristo Senhor nosso, na unidade do Espírito Santo. Amém.

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

Complexidade humana e adolescência

Izabel Petraglia

*Eis o momento!
Começando nesta porta,
um longo e eterno caminho mergulha no passado:
atrás de nós está uma eternidade!
Não será verdade que todos os que podem andar
têm de já ter percorrido este caminho?
(F. Nietzsche).*

*“e o fim de nossa viagem
será chegar ao lugar
de onde partimos.
E conhecê-lo então
pela primeira vez”
(T. S. Eliot).*

A adolescência é uma etapa de transição entre a infância e a maturidade. Trata-se de uma fase em que a pessoa não é mais criança e ainda não é adulta. Entretanto, desenvolve hábitos, culturalmente aceitáveis, para essa fase, características que são facilmente identificáveis, tais como indisciplina, questionamento e enfrentamento da autoridade, vontade e medo, simultâneos de liberdade, rebeldia, agressividade, confusão e dúvidas, desejos sexuais, necessidade premente de pertencer a um grupo, de agradar, etc.

Trata-se de uma cultura adolescente que, segundo alguns autores, nem sempre existiu, mas começou a consolidar-se, no Ocidente, no início do século XX. Explicam que isso ocorre porque o século XIX, marcado pela força da industrialização, pelo progresso da técnica e pela especialização, passou a valorizar de forma sig-



Fotos: Avelino S. de Godoy

OPINIÃO DA LEITORA

ROSILENE PINCA MORO, Coordenadora pedagógica, Colégio Claretiano, SP.

Izabel Petraglia, em seu artigo "Complexidade humana e adolescência" consegue expressar com clareza a "difícil arte" de ser adolescente e de compreender o adolescente e de compreender o adolescente. Pais e educadores tentam ajustar suas idéias e prática de convívio com os adolescentes que ao buscar a própria identidade são muitas vezes tiranos e cruéis com seus pais e dóceis com seus pares. Dentro desse contexto, o artigo vem em socorro a nós pais e educadores do século XXI.

nificativa, a formação, o estudo e o aprimoramento técnico e científico. Enquanto os filhos de operários trabalhavam, deixando a escola ou, jamais tendo freqüentado uma, os filhos da burguesia, de classe média e alta permaneciam na escola e não trabalhavam.

Os avanços da legislação educacional, que dispõe sobre a obrigatoriedade de escolarização para todos os brasileiros e brasileiras dos sete aos catorze anos, a partir da segunda metade do século XX, parece, de algum modo começar a mudar essa realidade. Todas as crianças e jovens, pobres e ricos deviam (pelo menos, na forma da Lei nº 4024/61) freqüentar a escola, compreendendo o período da 1ª à 8ª séries. Essa prática, ainda que não realizada em sua totalidade, fez surgir uma realidade comum, com um retardamento ao *status* adulto, ou seja, com a incorporação do mesmo estilo de vida, hábitos e condutas, tanto filhos do proletariado como filhos da burguesia, formaram um novo grupo, com problemas e situações muito peculiares e próximas, simultaneamente.

A nossa cultura ocidental e brasileira adota alguns traços de semelhanças nos procedimentos e na maneira de olhar a adolescência. Em contrapartida, outras culturas e sociedades, adotam recursos diversos, outras prá-

ticas e podem desenvolver também formas distintas de compreensão. Algumas realizam ritos de passagem da infância para a fase adulta, o que implica um olhar diferenciado para essa fase, mas sempre indicando mudança. Essas mudanças vão das transformações físicas aos novos hábitos e comportamentos, que irão contribuir para a construção de uma identidade individual, que ultrapassa, mas também considera os conceitos e padrões familiares ou sociais. Trata-se de um



momento em que o indivíduo quer tornar-se sujeito, construtor de sua própria história, agente e autor de suas escolhas. Entretanto, sofre, porque ainda não sabe, ao certo, o que quer, como quer, quais são os seus sonhos e do que gosta. E, ainda que hoje pense que sabe, talvez amanhã já não seja mais isso, mas seja outra coisa.

As mudanças físicas da puberdade podem desencadear conseqüências psicológicas, mas a adolescência é um fenômeno mais amplo e complexo e, como tal, deve ser compreendida nessa perspectiva.

A complexidade, tal como compreendida por Edgar Morin, lembra problema e não solução; integra os modos simplificadores do pensar e, conseqüentemente, nega os resultados mutiladores, unidimensionais e reducionistas. O pensamento que é complexo não pode ser linear, nem se refere a idéias simples. Tampouco se reduz a uma linha ou vertente epistemológica que enquadra ou fecha numa interpretação inequívoca. Pensamento complexo é aquele capaz de considerar todas as influências recebidas: internas e externas. É a compreensão de que, na vida, todos os aspectos devem ser levados em consideração e, de modo interrelacionado, já que tudo se liga a tudo, numa perspectiva de totalidade.

Entendemos, pois, que a adolescência é complexa, e o adolescente deve ter que enfrentar a confusão, a incerteza e a contradição e, ao mesmo tempo, tem que conviver com a solidariedade dos fenômenos existentes em si mesmo.

Trata-se de um período em que a pessoa vive o conflito da construção de sua própria identidade. Esse conflito traduz-se pelas dúvidas e incertezas do mundo e, principalmente de si




mesmo. Alguém que lhe parece ainda um desconhecido, um outro. E é dessa relação, contraditória, antagonista e complementar, que o adolescente se descobre, ora um, ora outro, e, sempre o mesmo, em processo de transformação, busca e construção do seu EU.

É nesse momento da adolescência, que o sujeito se percebe “homo sapiens-demens”, expressão cunhada por Edgar Morin, que significa, alguém pertencente a uma espécie, que ao mesmo tempo é sábio e demente. (Demens, do latim - demente). É alguém que chora, ri, canta, dança, sofre, sonha e se alegra diante da vida. O adolescente é alguém que faz planos e cumpre ou não cumpre. Às vezes, ele quer e, em seguida, não quer mais. Enfrenta desafios, mas tem medo. Às vezes, é um super-homem; às vezes, se sente indefeso. Como os adultos. Mas ainda não sabe disso.

Essa concepção explica o ser hu-

mano que concentra em si a ambigüidade e a incerteza entre o cérebro e o ambiente, a objetividade e a subjetividade e o real e o imaginário. Características como afetividade, inteligência, capacidade de sonhar, alegria, triste-

za, fantasia, acerto e erro, estão presentes no homem e na mulher, na criança e no adolescente, ultrapassando a idéia maniqueísta e reducionista do “ou isto ou aquilo”, mas congregando os múltiplos e variados aspectos. 

OPINIÃO DAS LEITORAS

CECÍLIA PELEGRINI, Arte-educadora
VERA PASTRELLO, Fonoaudióloga

Muito nos alegrou ao ler seu artigo: *Transdisciplinaridade: Complexidade na Educação*, publicado na edição de novembro de 2003 da revista *Ave Maria*, pois vem ao encontro de nossas atividades desenvolvidas como voluntárias na entidade CEPROMM (Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada), localizada no bairro Jardim Itatinga, zona confinada de prostituição (Campinas, SP).

Trata-se de um trabalho voltado às crianças e adolescentes, filhos e filhas de prostitutas, muitos sem a figura paterna determinada ou presente. Essas crianças vivem uma realidade diferente das outras crianças e jovens e quando despertam para isso, surgem o conflito, a insegurança e a baixa auto-estima.

Algumas crianças não são filhas de prostitutas, mas de pais desempregados ou com subempregos sofrendo carência de recursos, muitas vezes vítimas da violência e pobreza extrema tornando-as excluídas também. Embora essas crianças freqüentemente, um período, a escola normal, a instituição proporciona a elas aulas de reforço escolar pois, a maioria, se não todas, apresenta dificuldades escolares das mais simples às mais complexas. Pensando em como estimular essas crianças a acharem outra forma de aprenderem, surgiu a idéia de utilizar a arte como estratégia de aprendizagem e, desse modo, foi criada a Trupe pedagógica. Um grupo de crianças e adolescentes da periferia levando arte para outras crianças das mais diversas classes sociais com resultados nos níveis sócio-educativos altamente positivos.

Esse trabalho foi reconhecido pela cidade de Campinas, através de reportagem feita pelo jornal *Correio Popular*, e por dois diplomas de honra ao mérito cujo reconhecimento se deve pelo âmbito de inclusão social. Dessa forma, Isabel, queremos ratificar que a arte é um veículo transformador e que instituições educacionais deveriam utilizar-se mais desse recurso tão poderoso.

Izabel Petraglia é psicóloga e pedagoga; mestre em Educação (PUC/SP); doutora em Educação (USP) e pós-doutorada em Ciências Sociais (EHESS - Paris). É professora de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Pesquisadora da Complexidade e Transdisciplinaridade, é co-fundadora e coordenadora do NHC - Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade, sediado no Centro Universitário Nove de Julho em São Paulo, onde é professora do Mestrado em Educação. É autora de vários livros. (izabelp@spo.matrix.com.br)

Drogas:

O paraíso artificial das drogas é bem a imagem de uma civilização reduzida a pó (Octavio Paz).

uma viagem sem volta

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Quando um psicotrópico uma droga qualquer — chega ao cérebro, estimula a liberação de uma dose extra de um neurotransmissor, provocando sensações de prazer. À medida que o uso vai se prolongando, o organismo do usuário tenta se ajustar a esse hábito. O cérebro adapta seu próprio metabolismo para absorver os efeitos da droga. Cria-se, assim, uma tolerância ao tóxico. Desse modo, uma dose que normalmente faria um estrago enorme torna-se, em pouco tempo, inócua. O usuário procura a mesma sensação das doses anteriores e não acha. Por isso, acaba aumentando a dose. Fazendo isso, a tolerância cresce e torna-se necessária uma quantidade ainda maior para obter o mesmo efeito. A dependência vai assim se agravando continuamente.

Como o psicotrópico imita a ação dos neurotransmissores, o cérebro deixa de produzi-los. A droga se integra ao funcionamento normal do órgão. E quando falta o “impostor” químico, o sistema nervoso fica abalado. É a síndrome da abstinência.

A recusa em abster-se do que quer que seja por parte de uma sociedade hedonista como a nossa leva ao uso incontido e descomedido das drogas, que provocam viagens para fora da realidade e do tempo, sensações sempre mais fortes e omniabarcantes de prazer, de relaxamento, de bem-estar. Fugir do cotidiano esmagador, banal,

sem futuro, viajar a outros mundos e realizar outro tipo de experiências, contanto que não sejam aquelas reais e autênticas, essa é a proposta das drogas de toda espécie. O tráfico, insidiosamente crescente, traz para dentro das casas e das famílias, dos colégios e instituições educacionais, dos bares, boates e lugares de lazer. Neles, a juventude, presa fácil e incauta da viagem fictícia que a droga proporciona, deixa-se envolver e embarca muitas vezes, infelizmente, na viagem sem volta da *overdose* ou da violência de letais conseqüências que os efeitos da droga provocam.

Dizer não à droga é tornar-se livre, independente. Pois o próprio nome

diz, dependência é ser escravo do vício, da substância determinada, que provoca sensações desejadas para fugir e escapar do cotidiano e da realidade. Dizer não à droga é dizer ao próprio corpo e ao próprio desejo: você não manda em mim. Eu é que mando em você. Estamos situados na minha identidade mais profunda de ser humano e de filho de Deus. E aqui é o templo do Espírito e a casa de Deus. Aqui mandamos eu e o Criador que me fez à sua imagem e semelhança.

O significativo aumento do número de crianças e jovens em condições de vulnerabilidade, o abuso de substâncias psicoativas crescerá entre jovens de idade cada vez menor, revela o estudo da revista *Mind*. Crianças de rua, por exemplo, uma preocupação que antes só afetava os países do chamado Terceiro Mundo, hoje já são encontradas em cidades tão desenvolvidas como Toronto, no Canadá.

Os especialistas costumam dividir as drogas em dois tipos: leves e pesadas. Drogas leves são as que causam “dependência psíquica”, que significa o desejo irrefreável de consumi-las. Pesadas são aquelas que, além da dependência psíquica, causam também a física, ou seja, a sua falta acarreta uma síndrome de abstinência tão violenta, com sintomas físicos tão dolorosos, que o viciado procura desesperadamente pela droga a fim de aliviar a ânsia de consumo. Por essa razão, fumo e álcool podem ser considera-

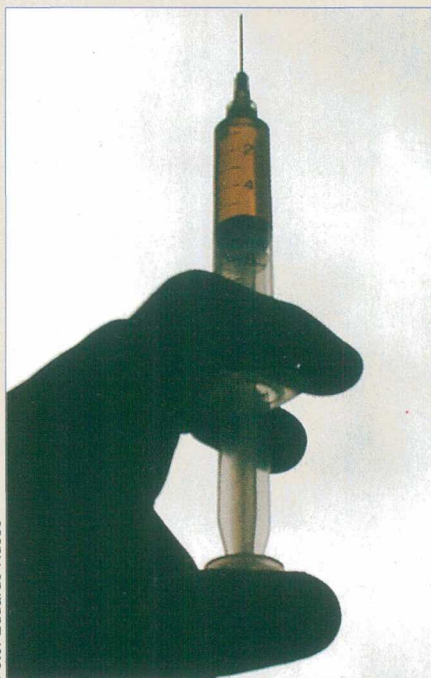



Foto: Eduardo Russo

dos como drogas pesadas, apesar de serem socialmente aceitas.

Ultimamente, a nova bandeira levantada pela luta antidroga tem provocado polêmica, porque faz referência direta e indireta à violência que cerca o mundo das drogas. Antes, as campanhas de prevenção propunham dizer não às drogas, apresentando apenas uma visão individualista de sua ação maléfica: os prejuízos físicos e mentais do uso. Agora, o conceito mudou: a mensagem apela para a responsabilidade social, tendo como mote: "O tráfico é dependente de você". "Quem compra drogas, financia a violência." Os filmes mostram jovens bem-nascidos indo às "bocas". No momento em que o usuário entrega o dinheiro ao traficante, ouve-se o locutor em off: "O que você faz com seu dinheiro é problema seu. O que o tráfico faz com seu dinheiro, também é problema seu". Assim os filmes chocam duplamente, porque mostram o mundo violento das drogas e, sobretudo, porque responsabilizam o usuário por essa violência.

Não há como nos enganarmos: nada do que fazemos começa e acaba apenas em nós mesmos. Atinge, ao contrário, toda a coletividade. Hoje, dizendo não às drogas, estamos não só beneficiando a própria saúde. Estamos, igualmente, contribuindo para construir um mundo de paz, onde a violência seja um pesadelo cada vez mais longínquo. Sejamos senhores de nossa vida. Não deixemos que a droga mande em nós. A primeira vítima seremos nós mesmos. 

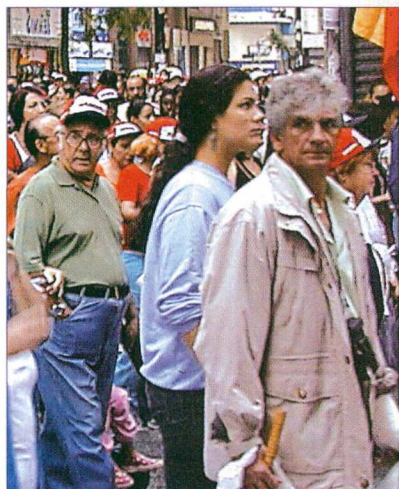
Maria Clara L. Bingemer é teóloga da PUC/RJ e coord. do Centro Loyola de Fé e Cultura. (Endereço eletrônico: www.users.rdc.puc-rio.br/agape).

Um á-bê-cê de direitos humanos

Francisco Gomes de Matos

Em 11 de novembro do ano passado, participei de uma mesa-redonda, no seminário regional: "Educação em Valores na Construção da Cidadania", realizado no campus da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste, cidade de Cachoeira, Bahia, sob o co-patrocínio das Faculdades Adventistas da Bahia, da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade Católica de Salvador.

Após minha palestra, a educadora Dra. Maria José Marita Palmeira me presenteou com um precioso e pioneiro livrinho: ABC de Direitos Humanos, dicionário organizado por Vera Leonelli e publicado em Salvador pela UNICEF, Projeto Axé, 2000, 109 pp, com o apoio de várias entidades, dentre as quais o Movimento de Organização Comunitária e a Fundação Instituto de Direitos Humanos. O bem-impresso e atraente livrinho resulta do trabalho de uma equipe de 11 colaboradores. Após uma expressiva epígrafe (Ruy Pavan, coordenador do UNICEF para Bahia e Sergipe), seguem-se uma ficha técnica sobre este minidicionário, uma apresentação (Cesare de Florio La Rocca, Presidente do Projeto Axé), introdução (Vera Leonelli), 95 páginas de verbetes, 25 referências bibliográficas e a lista de abreviaturas utilizadas.



Fotos: Avélio S. de Godoy

Uma criação do tipo á-bê-cê objetiva apresentar fatos, princípios ou técnicas básicas ou elementares sobre um determinado assunto. No caso, trata-se de compartilhar, com leitores não-iniciados à tradição de Direitos Humanos, conhecimentos fundamentais, indispensáveis à construção de uma cidadania consciente, crítica, participativa. Como tão bem esclarece a organizadora: "Este ABC é fruto de um compromisso assumido pelo Centro de Formação do Projeto Axé com militantes e trabalhadores da área

social que atuam na defesa dos Direitos Humanos. Eles manifestaram a necessidade de conhecer, de modo ágil e simplificado, o significado de expressões que povoam as salas de aula, as reuniões, as leituras e a mídia em geral". Imenso desafio constitui a seleção dos verbetes: o que priorizar, na inclusão? Que verbetes poderiam ser excluídos ou deixados "implícitos"?

A complexa tarefa de escolher verbetes representativos da crescente e diversificadíssima área de Direitos Humanos só pode ser percebida por quem vivenciou tal desafio. Por isso, ao escrever este artigo, faço-o mais com a intenção de apontar os aspectos positivos da publicação e, minimamente, de questionar algumas omissões.



Características a louvar: contextualização adequada. Assim, os verbetes: *democracia, discriminação, igualdade, liberdade e segurança pública*, estão relacionados à situação brasileira. Define-se *discriminação* como "tratamento desigual dado a pessoas ou grupos" e acrescenta-se que "é comum a discriminação étnica, como acontece no Brasil, limitando a liberdade e os direitos reais dos negros e indígenas; também é comum a discriminação por gênero, que reduz as chances sociais das mulheres" (p.36). Outro aspecto positivo a destacar é a inclusão de verbetes sobre conceitos bem atuais, dentre os quais: *biodiversidade, ecossistema, multiculturalismo e sustentabilidade*.

Significativamente, as abreviaturas usadas representam seis importantes instrumentos/documentos nacionais: *Constituição Federal, Lei das Contravenções Penais, Lei das Execuções Penais, Código Penal Brasileiro, Código de Processo Penal Brasileiro e Estatuto da Criança e do*

Adolescente. A louvar também a extensão dos verbetes (de duas a doze linhas), redigidos em um parágrafo, exceção: *validade*, desdobrado em dois parágrafos.

Considerando-se o foco em Direitos Humanos, teria sido desejável incluir-se verbetes referentes a direito (ocorrem apenas: direito adquirido, direito líquido e certo), direitos humanos, direitos civis, direitos políticos, direitos econômicos, direitos sociais e direitos culturais. Registre-se que há um verbete sobre dever e obrigação, mas *responsabilidade* (social) não teve seu lugarzinho ao sol.

Também não aparecem: socialismo, cristianismo, embora possamos encontrar vários "ismos", dentre os quais: *autoritarismo, capitalismo, comunismo, fundamentalismo, internacionalismo, xamanismo*.

Que verbetes representativos do ser humano encontramos? *Pessoa, homem* (falta o verbete correspondente à mulher), *adolescência, velhice*.

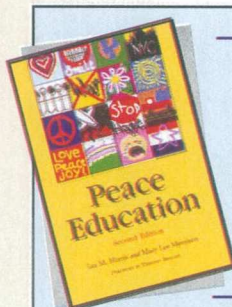
Que conceitos fundamentais subjacentes à Declaração Universal de Direitos Humanos estão neste oportuno á-bê-cê? *Humanidade, igualdade, liberdade, justiça, paz, solidariedade*. Ausente? *Dignidade*.

Se argumentarmos que princípios de natureza teológica são indispensáveis à sustentação da idéia de Direitos Humanos, um verbete sobre *Teologia* poderia ter sido incluído. Vale ressaltar, porém, que *religião* é objeto de comentário, à página 90.

Dada a importância vital do direito humano de comunicar-se, um verbete poderia tratar de comunicação (sobre direitos e deveres comunicativos, veja-se meu livro: *Comunicar para o Bem. Rumo à Paz Comunitativa*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002).

Em suma, que este relevante, (in)formativo livro de bolso encontre um lugar no coração de todos os que compartilham da sábia convicção dos autores de que educamos e nos educamos uns aos/com os outros para direitos humanos.

Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br



CORREÇÃO

Na edição de novembro passada, na página 18, publicamos a foto de um homônimo do autor do livro "Peace Education" Ian M. Harris. A foto que hora publicamos é a correta.



A palavra é...

"A PALAVRA É..." PRETENDE SER PARA OS LEITORES DA REVISTA **AVE MARIA** UMA FONTE DE CATEQUESE.

EM CADA NÚMERO, VAI-SE REFLETIR E CONHECER MELHOR O SIGNIFICADO DE PALAVRAS USADAS HABITUALMENTE E CUJO SENTIDO REAL E ORIGEM NEM SEMPRE SE SABE. SE O LEITOR TIVER DÚVIDA SOBRE ALGUM TERMO RELIGIOSO, ESCREVA-NOS. **HOJE.**

Elaborado por Luís Erlin.

CARNAVAL

Palavra de origem italiana, carnevale; expressão que significa – “Carne! Adeus!” – destinada a indicar a licença que os fiéis católicos recebiam para “cometer certos abusos” antes do tempo penitencial eclesiástico. A data fixa do carnaval é de domingo à terça-feira antes da Quarta-feira de Cinzas, embora em Veneza na Itália exista uma tradição muito antiga de começar as festividades carnavalescas após a Epifania, seis de Janeiro.

A história do carnaval no Brasil nos remete ao século XVII, foi trazido pelos portugueses e pela migração vinda das Ilhas da Madeira, Açores, e Cabo Verde. Era uma brincadeira que consistia em alvejar os passantes com água, farinha ou cinza. Com o tempo houve um decreto proibindo a


folia. Mas a tradição manteve a festa, embora tenha sido transformada num acontecimento elitizado (os famosos bailes elegantes da burguesia brasileira). A festa novamente ganhou as ruas, em forma de blocos. E hoje, não se imagina o Brasil sem carnaval, nem carnaval sem o Brasil.

O carnaval é uma grande manifestação cultural, sua gênese é religiosa, porém seu sentido moderno está bem longe de sua origem. *“Num tempo/ página infeliz de nossa história/ passagem desbotada na memória das novas gerações/ dormia/ a nossa pátria-mãe tão distraída/ sem perceber que era subtraída/ em tenebrosas transações./ Seus filhos/ erravam cegos pelo continente/ levavam pedras feito penitentes/ erguendo estra-*

nhas catedrais/ e um dia, afinal/ tinha direito a uma alegria fugaz/ uma ofegante epidemia/ que se chamava carnaval/ o



Foto de Samba: Heitor dos Prazeres, 1968

carnaval, o carnaval (vai passar)/ (...) Meu Deus, vem olhar/ vem ver de perto uma cidade a cantar/ a evolução da liberdade/ até o dia clarear” (Vai passar – Francis Hime/ Chico Buarque). 

QUARESMA

Do latim, quadragesima. É um tempo de 40 dias, intimamente relacionado aos 40 anos que o Povo de Deus demorou para atravessar o deserto em busca da liberdade – êxodo. Também recorda os 40 dias que Jesus passou no deserto sendo tentado, sem nada comer: *“Cheio do Espírito Santo, voltou Jesus do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde foi tentado pelo demônio, durante quarenta dias. Durante este tempo ele nada comeu”* (Lc 4, 1-2). Portanto, temos uma simbologia bíblica muito rica em torno do número quarenta (caminhada, deserto, busca da libertação, tentação, penitência, jejum, vitória sobre o maligno).

O tempo quaresmal vai da Quarta-feira das Cinzas até à missa da Quinta-feira Santa, a ceia do Senhor (início do tríduo


pascal). É uma preparação intensa para a festa das festas, a Páscoa de Nosso Senhor.

O *Missal Cotidiano* ao tratar da Quaresma, cita: *“tempo privilegiado de conversão, de combate espiritual, de jejum medicinal e caritativo, a Quaresma ainda é, sobretudo tempo de escuta da Palavra de Deus, de uma catequese mais aprofundada, que recorda aos cristãos os grandes temas batismais, em preparação para a Páscoa”.*

“Se Deus é amor, a caridade não deve ter fim, porque a grandeza de Deus não tem limites. Para praticar o bem da caridade, amados filhos, todo tempo é próprio. Contudo, estes dias da Quaresma, a isso nos exortam de modo especial. Se desejarmos celebrar a Páscoa do

Senhor com o espírito e o corpo santificados, esforcemo-nos o mais possível por adquirir essa virtude que contém em si todas

as outras e cobre a multidão dos pecados” (S. Leão Magno).

“A abstinência quaresmal/ vós consagrastes, ó Jesus;/ pelo jejum e pela prece,/ nos conduzis da treva à luz” (Hino Litúrgico – Vésperas). 



DEUS, centro de todas as religiões

José María Vigil

Na edição da Ave Maria de janeiro, esclarecemos conceitos, nomes, definições e fizemos distinções para melhor compreensão do que seja a Teologia das Religiões ou o Pluralismo Religioso. Nesta, convidamos o leitor a classificar as possíveis posições em relação ao tema.

A pesar de nova, a Teologia das Religiões já percorreu um bom caminho. Olhando para trás, pode-se observar que há acentuada variedade de posições e multiplicidade de respostas de teólogos ao problema central do significado da pluralidade de religiões.

Nos últimos vinte e cinco anos, têm sido feitas várias tentativas de classificações dessas posições diante do problema. Elaborar uma idéia, embora



Celebração de missa no Alasca.

resumida e esquematizada, de como se podem agrupar ou classificar essas várias posições nos dará uma visão de conjunto da história e da situação atual da Teologia das Religiões.

Além disso, começará a nos dar elementos de avaliação para irmos tomando nossa posição própria dentro desse tipo de "mapa". Há de nos ajudar também a captar quais são, neste momento, os pontos decisivos ou mais importantes

do edifício, na construção da Teologia das Religiões. Existem inúmeras classificações e vamos nos referir a várias delas.

Destaquemos uma tríplice classificação, aceita universalmente, por ser clara e simples (talvez, porque — como se verá — brote logicamente da própria estrutura da realidade). Não são poucos os teólogos, porém, que a consideram insuficiente, e isso faz sentido porque tudo o que é simples simplifica demais a realidade e vai, depois, tornar-se mais complexa, através de subdivisões, para se aproximar dos vários matizes de que se compõe o dia-a-dia.

Como já acenamos, acima, a classificação mais simples¹ e, de um modo ou de outro, universalmente aceita dos modelos ou posições que se dão na Teologia das Religiões é a seguinte, tripla: (quadro abaixo).

MODELOS/POSIÇÕES DA TEOLOGIA DAS RELIGIÕES

EXCLUSIVISMO

É a Teologia das Religiões que defende haver uma só religião verdadeira, revelada por Deus, e ser a única detentora da verdade, ao passo que as outras são religiões falsas, ou religiões simplesmente humanas, que não salvam. Essa foi a posição do cristianismo durante os vinte séculos de sua história e até 40 anos atrás.

INCLUSIVISMO

A Verdade e a Salvação estão em uma determinada religião, e, de modo mais ou menos deficiente ou imperfeito, em outras. Esta presença não é senão uma participação da Verdade e da Salvação que estão ligadas à única religião verdadeira.

No cristianismo, esta posição se dá quando se sustenta que somente a religião cristã tem a Verdade e a Salvação, e que embora nas outras religiões também haja "elementos de" Verdade, e participações da Salvação, a Verdade e a Salvação só estão em plenitude no cristianismo, porque a Verdade foi comunicada por Deus, exclusivamente, à religião cristã, e a Salvação foi conquistada para a Humanidade

por Jesus Cristo, que foi quem a depositou em sua Igreja.

Em concreto, participam também da Salvação os não-cristãos, os adeptos de outras religiões, mas não por uma suposta validade das ditas religiões, senão pelo poder de Cristo, que a alcança para elas, "de uma maneira somente conhecida por Deus" (cf. n.º 22 da *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje*, do Concílio Vaticano II, 1964). Aquelas pessoas não se salvam "por" participarem de sua religião, senão "apesar de" estarem naquela religião não-cristã. Foi este o posicionamento doutrinário no mundo teológico, principalmente a partir da Igreja Católica, em torno dos anos do Concílio Vaticano II.

Há acentuada variedade de posições e multiplicidade de respostas de teólogos ao problema central do significado da pluralidade de religiões.

Embora, nos três casos, tenhamos dado exemplos, referindo-nos ao cristianismo, as três posições não são próprias dessa religião nem de nenhuma outra: em qualquer religião se pode adotar uma ou outra posição. Também há posições inclusivistas no Hinduísmo ou no Islamismo, assim como há posições “pluralistas” entre os místicos sufis, etc.

Vista pelo cristianismo, esta classificação tripartite é chamada também com outros nomes, que correspondem,



Templo islâmico, Malásia.

PLURALISMO ²

Todas as religiões participam da salvação de Deus, cada uma a seu modo, e autonomamente. Ou seja: Deus é quem verdadeiramente está no centro. Em todas as religiões, Deus sai ao encontro do ser humano, sem que haja uma única religião verdadeira nem sequer uma religião privilegiada includente, da qual todas as demais seriam devedoras ou subsidiárias.

No cristianismo, esta posição sustenta que o próprio cristianismo não ocupa o centro, senão que gira como uma religião a mais em torno do centro, que é ocupado somente por Deus.

Esta posição é nova no mundo teológico (enquanto posição explícita e elaborada), muito recente, e implica uma mudança radical.

paralelamente, às três já estudadas, a saber: (Veja quadro abaixo).

A primeira classificação (exclusivismo, inclusivismo, pluralismo), e a segunda (eclesiocentrismo, cristocentrismo, teocentrismo) estudadas, acima, são, a partir de uma lógica estrutural, idênticas, só que a segunda se encaixa melhor com os nomes que se lhe pode dar dentro do cristianismo. Preferiremos utilizar a primeira nomenclatura, mais universal e aplicável a qualquer religião; embora possamos fazer uso também da segunda, quando estivermos nos referindo ao âmbito cristão.

A palavra “pluralismo” tem, atualmente, dois sentidos no âmbito da Teologia das Religiões. • o do dicionário: pluralismo religioso é a pluralidade de religiões, o fato de que sejam muitas as religiões; é um sentido direto e simples. • acontece quando se refere a um dos três (ou mais) modelos em que se classificam as posições que se dão na Teologia das Religiões (exclusivismo, inclusivismo e

pluralismo). Neste segundo sentido, não tem o significado direto do dicionário, mas refere-se a uma forma específica de conceber as relações entre as religiões, por contraposição ao exclusivismo e ao inclusivismo.

¹ Em sua obra principal, *Verso una teologia cristiana delle religioni*, e embora não compartilhe com a classificação, Jacques Dupuis escreve de passagem: “servindo-nos, por clareza, da classificação de Schineller...”. Ibid. p.252. A de Schineller é, de fato, a tripartite, embora subdividida no terceiro item.

² Tenha-se em conta o que já dissemos antes: aqui, “pluralismo” não está significando a “pluralidade das religiões”, mas um modelo concreto de posição dentro da Teologia das Religiões. Não entramos na distinção entre “pluralismo” e “pluralidade”.

³ Neste momento, não consideraremos a objeção daqueles que dizem que esta posição não é cristã, nem compatível com as crenças principais do cristianismo. Trataremos do assunto, no momento oportuno.

José M. Vigil é missionário claretiano no Panamá. Um dos editores da *Agenda Latino Americana*. <http://servicioskoionia.org/agenda>

PARA O CRISTIANISMO - MODELOS/POSIÇÕES DA TEOLOGIA DAS RELIGIÕES

ECLESIOCENTRISMO

De fato, no cristianismo, a posição inclusivista não pode deixar de pôr no centro de tudo a Igreja. A Igreja cristã está no centro do plano de salvação de Deus. Só a Igreja é depositária da salvação, e todas as demais religiões estão destinadas a desaparecer e a incluir-se na Igreja. Tudo aponta para a Igreja como seu centro e destino. Esta postura é exemplificada pela famosa frase: “Fora da Igreja não há salvação”.

CRISTOCENTRISMO

Seria o nome cristão do Inclusivismo. Nesta posição, já não se pensa que somente no cristianismo resida a Salvação e que as religiões estejam vazias da presença salvífica de Deus... Pensa-se, agora, que também fora do cristianismo, nas outras religiões, nas religiões não-cristãs, há presença da Verdade de

Deus e de sua Salvação, mas não se deixa de pensar que essa Verdade e essa Salvação são próprias do cristianismo, as que manifestou Jesus Cristo, o Filho de Deus, vindo a este mundo. Ninguém se salva, pois, se não for pela mediação de Cristo, embora esteja em outra religião e não conheça Jesus Cristo. Por isso, falamos de cristocentrismo. O lema exemplificador desta posição seria: “Só Cristo salva”.

TEOCENTRISMO

Dentro do cristianismo, ³ esta terceira posição sustenta que quem está no centro é Deus e somente Deus. Ao seu redor estão todas as religiões, que se relacionam com Deus diretamente, sem a mediação cristã. Cristo e o cristianismo estão ao lado das outras religiões, sem que devam ser considerados como mediações absolutas para as demais religiões.

A primeira classificação (exclusivismo, inclusivismo, pluralismo), e a segunda (eclesiocentrismo, cristocentrismo, teocentrismo) estudadas, acima, são, a partir de uma lógica estrutural, idênticas; só que a segunda se encaixa melhor com os nomes que se lhe podem dar dentro do cristianismo. Preferiremos utilizar a primeira nomenclatura, mais universal e aplicável a qualquer religião; embora possamos fazer uso também da segunda, quando estivermos nos referindo ao âmbito cristão.

A palavra "pluralismo" tem, atualmente, dois sentidos no âmbito da Teologia das Religiões. • o do dicionário: pluralismo religioso é a pluralidade de religiões, o fato de que sejam muitas as religiões; é um sentido direto e simples. • acontece quando se refere a um dos três (ou mais) modelos em que se classificam as posições que se dão na Teologia das Religiões (exclusivismo, inclusivismo e pluralismo). Neste segundo sentido, não tem o significado direto do dicionário, mas refere-se a uma forma específica de conceber as relações entre as religiões, por contraposição ao exclusivismo e ao inclusivismo. (Continua.)

Semântica e sacramento

Elias Leite

Semântica, na lingüística, vem a ser a ciência da mutação dos vocábulos em seus significados através do tempo e do espaço. Assim rezam os bons dicionários. Uma palavra que, há cinqüenta anos ou mais, tinha um sentido, pode adquirir outro no correr do tempo e chegar a ter outro nos dias atuais. Isso, porém, mais facilmente ocorre com idiomas em formação ou as chamadas línguas modernas.

O parnasiano Olavo Bilac, no célebre soneto *A Língua Portuguesa*, conotando intencionalmente a brasileira, evoca a ambas, no primeiro verso: "Última flor do Lácio inculca e bela", como derradeira florescência diretamente do Latim popular, fonte indiscutível das demais, chamadas de *neolatinas*.

Passando agora à semântica, nada mais semântico que os vocábulos da

família relativos a parentescos. Vamos aos exemplos: o étimo *família*, que decorre de *famulus*: servo, criado, doméstico ou familiar. Constituindo a família, estão: *patre*: padre, pai e *matre*: madre, mãe. No diminutivo *patrinu*: padrinho, paizinho e *matrina*: madrinha, mãezinha. Ampliados: *patronu*: padrono, patrão, paizão, padroeiro. E *matrona*: matrona, matriarca, 'mãezona'. E *filius*: filho, com



¹ Em sua obra principal, *Verso una teologia cristiana delle religioni*, e embora não compartilhe com a classificação, Jacques Dupuis escreve de passagem: "servindo-nos, por clareza, da classificação de Schinneller...". Ibid. p.252. A de Schinneller é, de fato, a tripartite, embora subdividida no terceiro item.

² Tenha-se em conta o que já dissemos antes: aqui, "pluralismo" não está significando a "pluralidade das religiões", mas um modelo concreto de posição dentro da Teologia das Religiões. Não entramos na distinção entre "pluralismo" e "pluralidade".

³ Neste momento, não consideraremos a objeção daqueles que dizem que esta posição não é cristã, nem compatível com as crenças principais do cristianismo. Trataremos do assunto, no momento oportuno.

os derivados: afilhado. *Fília*: filha, afilhada, filiada.

Até aqui, tudo conforme. Agora, o parentesco. Dois filhos ou mais dos mesmos pais: irmãos. Do latim; *germanu*; hermano, irmano, irmão. E *germana*, hermana, irmana, irmã.

Os colaterais mais próximos: o primeiro depois de *irmão* é no latim: *germanu primo* = o primeiro irmão colateral; primo irmão ou simplesmente *primo*. O mesmo ocorre com o feminino *irmã*.

A propósito os discutidos *irmãos* de Jesus, dos Evangelhos, por que não podem ser irmãos colaterais, primos-irmãos? Também no arameu, dialeto de Jesus, não existia palavra para designar *primo de 1º e 2º graus*. Como entre nós. O de primeiro grau é primeiro ou primo-irmão ou costumeiramente chamado: *primo*.

Disse bem o mestre: “O mais cego é aquele que não quer ver”. E como os há.

Outro caso é o que *casa*: habitação, residência, família. Do termo casa formou-se, em português arcaico, *casal*, com o sentido de casario, várias habitações, povoado, famílias. Daí que, uma união para família, ficou *casamento* e o popular casório.

Do artigo vocábulo *casal* (casas, famílias) derivou, segundo os dicionários, para *casal*: “Par composto por macho e fêmea ou homem e mulher. Por extensão par, parilha” (*Dic. Aurélio*). “Par formado por macho e fêmea” (*Dic. Houaiss*, 2001). E *casamento*, diz o mesmo autor: “Vínculo conjugal entre um homem e uma mulher”. E “União voluntária de um homem e uma mulher, nas condições sancionadas pelo direito, de modo que se estabeleça uma família legítima” (op. cit.).

E agora, como vai ficar, quando em alhures já se afirma e por aqui já se copia, para tremor da semântica, que

acontece *casamento* entre pessoas do mesmo sexo? E a *família*? (Não vai bem, não!)

A família, decretam: não será mais constituída de: pai, mãe e filho. Tanto o casamento quanto a *adoção* de filhos é coisa *natural*.

Vamos ao étimo: *adoção*, do latim *adotare* (ad-optáre); ter opção para algo ou, alguém, no caso, um filho. E optar não é o mesmo que criar, gerar, conceber, dar vida. Atos de pai e mãe, somente,

E aqui vem a propósito sábia observação de ilustre pediatra espanhola, Dra.

Fontana: “No caso de casais homossexuais há um empecilho para satisfazer essa necessidade de todo ser humano. Se a relação entre dois homens ou entre duas mulheres, como dizem, é *natural* (o grifo é nosso), por que existe a impossibilidade biológica de procriarem”? (*Perg. e resp.* nº 497, 11/03).

O fato é que a Igreja Católica tem como doutrina ser o casamento, mais propriamente o *matrimônio*, um ato sagrado de consentimento de vida e para a vida, chamado *Sacramento*, no conceito de: ato vitalício entre duas pessoas, homem e mulher, de opção livre para uma unidade de amor e vida na verdade da Fé, em vista à construção mútua da felicidade, constituindo família.

Jesus Cristo, em referência, citou a *Bíblia* que diz: *No começo o criador os fez homem e mulher*. E se Deus disse: *Por isso o homem deixa o seu*



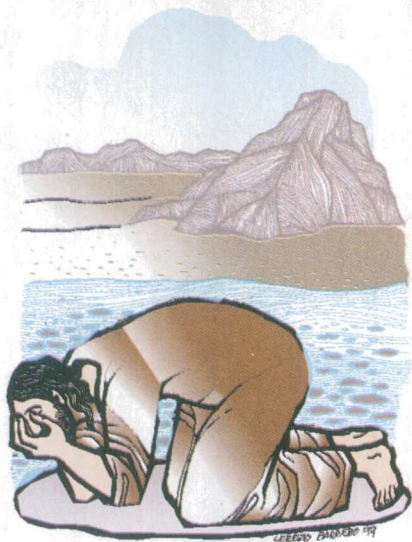
Ilustrações: A Bíblia em quadradinhos. Editora Ave Maria

pai e a sua mãe para se unir à sua mulher, e os dois se tornam uma só pessoa. Assim, não são duas pessoas, mas uma só. Portanto, que ninguém separe o que Deus uniu (Mt 19,4-7). Jesus falava sobre divórcio. Mas, foi oportuno em deixar uma definição cristã do matrimônio.

E sobre *matrimônio* a semântica tem a ver. Mais diretamente em relação: ao marido ou esposo. Vejam: *matrimônio* vem de *matris munus*: o munus, o dever ou obrigações da *mãe*: a vida doméstica, etc. As obrigações ou deveres do marido tiveram o nome de *patris munus*: as responsabilidades, o múnus do *pai*. Aqui, entra a semântica: *patris - munus* ficou: patrimônio, matrimônio com o novo sentido de: conjuntos dos bens herdados do pai. Para a herdeira, *o dote*, inclusive! Coisas da semântica. Não do Sacramento.



Elias Leite é missionário claretiano, escritor e poeta.



É tempo de conversão

1.º domingo da Quaresma
29 de fevereiro

INTRODUÇÃO

Celebrar a Quaresma é reconhecer a presença de Deus em nossa caminhada, no trabalho, na luta, no sofrimento e na dor da vida do povo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Dt 26,4-10

Moisés ensinou o povo a rezar assim: *Clamamos ao Senhor, ao Deus dos nossos pais, e o Senhor ouviu a nossa voz, viu a nossa miséria, o nosso trabalho e a nossa opressão!*

De maneira simples, sem desculpas nem subterfúgios, reconheçamos, diante de Deus, nossos erros. Peçamos que olhe para nossa miséria, nossa inconstância e que, como ao “filho pródigo”, receba-nos de volta.

A Quaresma é tempo forte de conversão, de mudança interior, de graça e salvação. Preparemo-nos para viver, de maneira intensa, livre e amorosa, o momento mais importante do ano litúrgico e da história da salvação: a Páscoa.

A espiritualidade quaresmal é caracterizada também por atenta e prolongada escuta da palavra de Deus

para verificarmos os sinais de pecado e de morte que marcam mais nossa comunidade, nossa vida, atualmente. Ela ilumina a vida e chama-nos à conversão, infundindo confiança na misericórdia de Deus, mostrando-nos quais os sinais de vida e ressurreição.

2.ª leitura Rm 10,8-13

Pergunta-nos Paulo: *O que diz a Escritura? Ao teu alcance está a palavra, em tua boca e em teu coração* (v.8) Falta nossa resposta. Neste início da Quaresma, a todos nós o Senhor Ressuscitado oferece a graça da conversão. Certa vez, ele a comparou a uma semente que é lançada à terra. Nós somos esse campo. Deveremos limpá-lo, prepará-lo para acolher a semente. Os frutos, porém, são obra de Deus. Não nos devemos envaidecer. O Apóstolo nos lembra essa verdade, um pouco mais adiante: *não te envaideças ... pois se te gloriastes, sabe que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti!* (11,18).

Nada podemos fazer sozinhos. Pela fé, acreditamos que Jesus é a nossa Páscoa porque nos liberta e nos dá todo bem que vem do Pai. Somos convidados a não cairmos no pecado cometido pelos israelitas, ao recusar a Jesus; eles queriam uma salvação vinda deles mesmos, a salvação vinda das próprias mãos, pelos ritos externos somente.

Corremos o mesmo perigo, ao acreditar que apenas pela freqüência aos ritos da Semana Santa, à procissão do Senhor morto, à prática da Via-Sacra estaremos preparados para a Páscoa! Quando o que Deus quer é a conversão do coração: *Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus* (Mt 7,21).

Evangelho Lc 4,1-13

Jesus quis passar por três momentos da tentação de se limitar somen-

te à retidão externa, sem a conversão do coração.

Analisemos as respostas de Jesus: *Não só de pão vive o homem*. Só aquele que considera a própria vida à luz da palavra de Deus está em condições de atribuir às realidades terrenas o seu exato valor, de colocá-las no seu devido lugar. É, portanto, errado acumular bens deste mundo, enquanto aos outros faltam as coisas necessárias. A Campanha da Fraternidade deste ano, por exemplo, lembra-nos que a água é um bem dos seres vivos. Portanto, devemos unir forças para garantir que permaneça, de fato, fonte de vida abundante para todos, sem exclusão.

A segunda resposta: *Está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto* ajuda-nos a esclarecer as atitudes erradas para com as pessoas. Temos de escolher entre dominá-las ou servi-las. O marido, por exemplo, pode assumir atitudes dominadoras em relação à sua mulher ou pode tornar-se atento e disponível em tudo para torná-la feliz.

Não tentarás ao Senhor, teu Deus é a terceira resposta à nossa maneira errada de nos relacionarmos com Deus. Sentimo-nos amados por Deus só quando tudo corre bem. Quando aparece algum problema, começamos a duvidar de sua bondade. Devemos nos conscientizar de que ele nunca nos prometeu libertar das doenças e do sofrimento por meio de milagres, mas sim dar-nos forças para não sermos derrotados. Não é possível pensar que Deus tenha em relação a nós atitudes diferentes das que teve com seu Filho.

REFLEXÃO

Estamos convencidos de que não basta uma religião constituída de ritos externos? Nesta Quaresma, como estamos dispendo nosso coração para receber a semente da palavra de Deus? ■



O Senhor nunca rompe sua amizade conosco!

2.º domingo da Quaresma
7 de março

INTRODUÇÃO

Pela água do batismo
Vida nova recebemos,
E, na fonte da Palavra,
De tua graça nós bebemos;
Para sermos, ó Senhor,
Solidários com os irmãos
Que ainda não tiveram
Vida plena, salvação.

Pela água que dá vida
Pelos dons da criação,
Ó Senhor do Universo,
Eis a nossa louvação!

(Do "Canto de Abertura" da CF'2004 para as missas da Quaresma).

1.ª leitura Gn 15, 5-12.17-18

Abraão era um nômade, ou seja, não tinha habitação fixa. Viviam permanentemente mudando de lugar, em busca de novas pastagens para o gado. Seu sonho era possuir uma terra na qual a água não fosse tirada dos poços, mas que caísse do céu, uma terra onde as chuvas regulares e frequentes permitissem praticar também a agri-

cultura. Mas, agora, estava velho, sem filhos, aceitando, na fé, ser um retirante sem rumo.

Mas, num certo dia, recebeu de Deus a promessa de duas coisas que ele sempre tinha desejado: um pedaço de chão e descendência numerosa.

A *Bíblia* apresenta o chamado e as promessas de Deus como dons gratuitos. Abraão teve, como "mérito" — posterior e não anterior — confiar no Senhor.

"Acreditar em Deus" não queria dizer simplesmente que ele tinha fé na sua existência, mas que confiava nele. E Abraão manteve a confiança sem limites, embora as circunstâncias o levassem a pensar o contrário. E, segundo os costumes da época, Deus quis confirmar as suas palavras, cumprindo o rito de aliança.

As promessas que Deus nos faz no batismo também são sempre inteiramente gratuitas. Ele não exige nada em troca. Embora pequemos, Deus nunca rompe sua amizade conosco: permanece fiel.

2.ª leitura (Fl 3,17—4,1)

Através das águas do batismo, fizemos aliança com Deus e lhe prometemos ser fiéis. Paulo não só exorta os cristãos de Filipos a assim permanecer, mas oferece-se a si mesmo como modelo de fidelidade a Cristo.

Quando quebramos o trato com Deus, abandonamos a fonte de água viva, para cavar cisternas furadas que não podem reter água (cf. Jr 2,13). A vida voltada para o prazer a qualquer custo, aos divertimentos, às imoralidades, aos excessos e à embriaguez, parece vida, mas em verdade é morte, é destruição da vida.

Os amigos da cruz de Cristo renunciavam a esta forma de vida egoísta, pois sabem que são como estrangeiros nesta terra, nômades como Abraão, a caminho de uma nova realidade.

A construção de novas relações, já nesta terra, onde todos tenham acesso à

água e aos demais bens que Deus nos colocou à disposição, de modo que ninguém mais tenha fome e sede de justiça, depende do poder de Deus (que sempre age) e, também, do nosso esforço.

Evangelho Lc 9,28b-36

Nossa aliança com Deus está sujeita a provas como aquelas pelas quais passou Abraão. A seu exemplo, Jesus não conheceu logo, como homem, a maneira pela qual terminaria a sua vida. Ignorava o caminho pelo qual o Pai o estava conduzindo; foi descobrindo-o aos poucos, através das iluminações que recebia na oração.

Somente Lucas explica por que Jesus subiu a montanha com três discípulos: para rezar. Durante a oração, o rosto de Jesus mudou de aspecto. Esse esplendor era o sinal da glória que envolve a pessoa que está unida com Deus. A luz no rosto de Jesus indica que, durante a oração, compreendeu o projeto do Pai e o assumiu: entendeu que o seu sacrifício terminaria na glória da ressurreição.

Também somente Lucas deixou registrado o assunto de Jesus com Moisés e Elias: sua morte, em Jerusalém. Na palavra de Deus, contida no Antigo Testamento, Jesus buscou a luz decisiva que lhe revelou sua missão.

Mais tarde, no dia da Páscoa, para explicar aos discípulos o sentido da sua morte e ressurreição, também recorrerá ao Antigo Testamento: começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava aos discípulos tudo o que dele se achava dito em todas as Escrituras (cf. Lc 24,27).

REFLEXÃO

O que significa para nós acreditar em Deus? Deus é fiel. E nós lutamos para lhe ser fiéis? A exemplo de Jesus, buscamos descobrir, na oração, o caminho a percorrer? ■



Quaresma, tempo de graça!

3.º domingo da Quaresma
14 de março

INTRODUÇÃO

Nós buscamos teu perdão
Pelo mal que praticamos
Pois ao pobre, nosso irmão,
Água limpa nós negamos.
Poluindo nossas fontes
É a vida que se vai...
Nova páscoa viveremos
Só no teu amor, ó Pai.

Pela água que dá vida,
Pelos dons da criação,
Ó Senhor do Universo,
Eis a nossa louvação!

(Do "Canto de abertura" da CF'2004 para os domingos da Quaresma).

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Ex 3,1-8a.13-15

Quaresma é tempo de conversão, de mudança. Não se trata de uma mudança externa de atitudes, mas profunda. De coração.

O Deus que se revela a Moisés, e por ele ao povo hebreu, não tolera a opressão sobre os fracos e intervém

para "libertar". Não fica tranqüilo no paraíso, ocupado em manter sob controle a contabilidade dos pecados...

Nossa conversão, portanto, terá de passar pela libertação dos nossos irmãos. Em nossas famílias, ainda existe opressão. Há, por exemplo, mulheres oprimidas por usos e costumes que perpetuam o domínio do homem e justificam um sem-número de abusos.

Se as lágrimas e os sofrimentos da esposa, dos filhos nos deixam insensíveis, se o clamor dos oprimidos não nos impele a fazer alguma coisa em favor deles, podemos afirmar que somos filhos de um Deus libertador?

2.ª leitura: 1Cor 10,1-6.10-12

A última frase da leitura de hoje é bem o resumo do que Paulo quer dizer aos cristãos de Coríntios e a nós: *Assim, pois, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair* (v.12). É que para a salvação, além da ação de Deus, é indispensável nossa colaboração.

Alguns cristãos daquela comunidade achavam que era suficiente o batismo para terem certeza da própria salvação. Paulo lembra que os benefícios de Deus não operam de maneira automática e quase mágica. Não basta ter acreditado em Cristo, ter sido batizado, ter-se alimentado da Eucaristia, mas é preciso levar uma vida coerente, caso contrário, também poderemos nos perder, como aconteceu aos israelitas no deserto.

E o que significa para nós, cristãos, levarmos uma vida coerente? É Cristo quem nos responde: *Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos? Toda árvore boa dá bons frutos... Pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo aquele que me diz: "Senhor, Senhor", entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus* (Mt 7,16-21).

Evangelho Lc 13,1-9

Paulo se serve dos fatos da vida do povo de Israel com Moisés, no deserto, como exemplo para os coríntios e para nós. Também Jesus se utilizou de um crime cometido por Pilatos e o desabamento de uma torre ao lado da piscina de Siloé, para ensinar ao povo, e a nós, uma grande lição.

Um acidente, um desastre da natureza, tragédias — ensinou ele — não são sinal de castigo divino para aquelas pessoas, neles envolvidas (como, erradamente, muitos de nós pensamos, ainda em nossas dias), mas um chamado à conversão feito por Deus para os sobreviventes!

Os que tinham ido contar a Jesus o que Pilatos tinha feito com os infelizes galileus talvez imaginassem ouvir dele uma tomada de posição contra os romanos.

Certamente, cheios de ódio e sede de vingança, desejavam que o Senhor os aniquilasse, que usasse de violência como meio eficaz, rápido e seguro para restabelecer a justiça.

Ele, com toda certeza, não era insensível aos sofrimentos de seus compatriotas, mas queria ensinar que a agressividade, a indignação, a raiva, o ódio e o desejo de vingança só conduzem a atitudes precipitadas, que complicam mais a situação.

A parábola é um convite para considerarmos esta Quaresma como um tempo de graça, como um novo "ano precioso" que nos é concedido para que produzamos frutos.

REFLEXÃO

Como reagimos em nossas famílias, em nossas comunidades, quando são analisadas as injustiças, praticadas na sociedade? Com gestos impulsivos? Quais são as mudanças de mentalidade que Deus nos pede neste tempo de Quaresma?



Meu filho estava morto e tornou a viver!

4.º domingo da Quaresma
21 de março

INTRODUÇÃO

Não é fácil reconhecer que somos pecadores. À luz da fé, o nosso pecado surge como afastamento da corrente do amor, de que Deus é a fonte. Mas Ele se manifesta infinitamente maior do que a recusa que lhe opomos.

1.ª leitura Js 5,9a.10-12

Com a entrada dos israelitas na Palestina, conclui-se o êxodo e tem início o cumprimento de outra promessa feita a Abraão: o dom da terra. A passagem da escravidão para a terra começou e terminou com a celebração da Páscoa.

A história daquele povo é uma imagem do que nos acontece. Como os israelitas, também fomos tirados de uma terra de escravidão, isto é, da condição de miséria e de pecado em que nos encontrávamos antes do batismo. Como os hebreus festejaram a própria libertação, nós também celebramos, na Eucaristia, a salvação que obtivemos. Como o maná alimentou os que estavam a caminho da terra prometida, da mesma forma nos saciamos na Euc-

ristia, enquanto vamos ao encontro do Senhor que nos espera.

2.ª leitura 2Cor 5,17-21

Com a vinda de Jesus, inicia-se nova história de perdão: Deus nos perdoa pela encarnação do Filho.

João Batista, que ainda tinha a mentalidade dos profetas do Antigo Testamento, cria num Deus ameaçador e terrível. Dessa maneira, anuncia ao povo a vinda de Cristo, convidando-o à conversão, ameaçando-o com a severidade do juiz que estava pronto a castigar toda a humanidade.

Mas, quando Jesus começou a falar ao povo, declarou não ter vindo para condenar o mundo, e sim para salvá-lo (Jo 12,47). Deixou perplexos a João Batista e a muitos outros quando anunciou ter vindo, não para os que se acreditavam justos, mas para os pecadores que se arrependiam.

O Apóstolo escreve que *era Deus que, em Cristo, reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas e colocando em nós a palavra da reconciliação*. Portanto, nossa volta, para Deus, nesta Quaresma, não será o resultado de nossa boa vontade ou de nossos esforços, mas obra de Deus. É ele quem toma a iniciativa de restabelecer a paz. Daí, a necessidade de nossa oração pelos pecadores, dos quais os primeiros somos nós.

Evangelho Lc 15,1-3.11-32

Bem conhecida é esta parábola do filho pródigo, talvez a mais linda que Jesus contou. Certo dia, o filho mais jovem decide abandonar a família. O pai (Deus) não impede a partida. Respeita a liberdade do filho.

Os pais devem orientar os filhos para que sigam o caminho do bem, mas estes, se tomarem decisões erradas, devem ser respeitados. Este mesmo respeito é revelado pelo pai que vai ao encontro do filho que volta. Não se pre-

ocupa em descobrir o estado de espírito do filho, não quer saber se ele se tinha dado conta da baixa que tinha praticado e se estava sinceramente decidido a mudar de vida: abraça-o sem lhe perguntar nada. Deus não ama só os justos e os arrependidos; ama a todos, sempre e sem condições.

O outro irmão não quis entrar. É que não basta ter permanecido sempre na casa do pai para participar do banquete; é preciso saber perdoar. Não basta nada ter feito de reprovável; é necessário também esperar e desejar a vinda daquele que se tinha afastado de casa. Não basta ter trabalhado sempre por um mundo mais justo, é necessário perdoar a quem caiu.

Nós, ao contrário, expulsamos de casa a filha que se comportou mal, guardamos rancor contra o filho que se casou contra nossa vontade, alimentamos nossa aversão pelo esposo que gasta no bar o que ganha, desprezamos os parentes que se drogam, etc.

Ficamos com raiva e não queremos participar do banquete (do qual, aliás, já nos havíamos excluído). A Igreja não é a comunidade dos que não erram, dos que não caem, mas a comunidade dos que compreendem o outro que cai.

A Eucaristia é ação de graças ao Pai na oferta do sacrifício do Filho. Mas essa oferta se tornará inútil se não cumprirmos, antes, a exigência fundamental e a condição absoluta para ser aceito por Deus: perdoar os irmãos que nos ofenderam, sem condições, como fez o pai do filho pródigo.

REFLEXÃO

Temos o hábito de decidir em lugar dos filhos? Respeitamos suas decisões, mesmo quando erradas? Estamos convencidos de que não podemos participar do banquete eucarístico se, primeiro, não nos tivermos arrependido de todo rancor?

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE MARÇO



1.ª SEMANA DA QUARESMA

1.º - segunda: Lv 19,1-2.11-18 = Amarás o próximo como a ti mesmo. Sl 18. Mt 25,31-46 = Obras de caridade, no juízo final.

2 - terça: Is 55,10-11 = A palavra de Deus não volta sem efeito. Sl 33. Mt 6,7-15 = Como orar.

3 - quarta: Jn 3,1-10 = Nínive se penitencia e se converte. Sl 50. Lc 11,29-32 = O "sinal" de Jonas.

4 - quinta: 14,1.3-5.12-14 = Oração da rainha Ester. Sl 137. Mt 7,7-12 = Quem pede, recebe; quem procura, encontra.

5 - sexta: Ez 18,21-28 = Desejo não a morte, e sim a vida do pecador. Sl 129. Mt 5,20-26 = Perdão e reconciliação.

6 - sábado: Dt 26,16-19 = Povo consagrado só a Deus. Sl 118. Mt 5,43-48 = Sede perfeitos como vosso Pai celeste.



2.ª SEMANA DA QUARESMA

8 - segunda: Dn 9,4b-10 = Oração de Daniel: Pecamos, Senhor! Sl 78. Lc 6,36-38 = Perdoai, e sereis perdoados.

9 - terça: Is 1,10.16-20 = Sede dóceis e obedientes. Sl 49. Mt 23,1-12 = Sede obedientes e humildes: um só é vosso Pai e Mestre.

10 - quarta: Jr 18,18-20 = Conspiração contra o profeta. Sl 30. Mt 20,17-28 = Podeis beber o meu cálice?

11 - quinta: Jr 17,5-10 = Escutai a palavra do Senhor. Sl 1. Lc 16,19-31 = O rico e o pobre Lázaro.

12 - sexta: Gn 37,3-4.12-13a.17b-28 = José, vendido por seus irmãos. Sl 104. Mt 21,33-43.45-46 = Parábola dos lavradores homicidas.

13 - sábado: Mq 7,14-15.18-20 = Jogai os nossos pecados no mar! Sl 102. Lc 15,1-3.11-32 = O filho pródigo.



3.ª SEMANA DA QUARESMA

15 - segunda: 2Rs 5,1-15a = Naamã recorre a um profeta estrangeiro para se curar. Sl 41. Lc 4,24-30 = Nenhum profeta é aceito em sua pátria.

16 - terça: Dn 3,25.34-43 = Malgrado os nossos pecados, perdoai-nos, Senhor. Sl 24. Mt 18,21-35 = Perdoar sem limite.

17 - quarta: Dt 4,1.5-9 = Observai a minha Lei e não a olvideis. Sl 147. Mt 5,17-19 = Não vim abolir, e sim completar a Lei e os profetas.

18 - quinta: Jr 7,23-28 = Não escutam a voz nem aceitam as

advertências de Deus. Sl 94. Lc 11,14-23 = É pelo diabo que ele expulsa demônios.

19 - sexta: São José, esposo da Virgem Maria. 2Sm 7,4-5a.12-14a.16 = O Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai. Sl 88. Rm 4,13.16-18.22 = Abraão acreditou, esperando contra toda esperança. Lc 2,41-51a = Eis que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos.

20 - sábado: Os 6,1-6 = Eu quero o amor, mais que os sacrifícios. Sl 50. Lc 18,9-14 = Parábola do fariseu e do publicano.

4.ª SEMANA DA QUARESMA

22 - segunda: Is 66,17-21 = Não haverá mais soluço nem tristeza, nem morte prematura. Sl 29. Jo 4,43-54 = Cura do filho de um oficial, em Cafarnaum.

23 - terça: Ez 47,1-9.12 = Poder da fonte maravilhosa que jorra do templo. Sl 45. Jo 5,1-16 = Jesus cura um paralítico sem ajuda de água.

24 - quarta: Is 49,8-15 = Deus consola o seu povo na aflição. Sl 144. Jo 5,17-30 = Como o Pai, também o Filho tem poder de dar a vida.

25 - quinta: Anunciação do Senhor. Is 7,10-14; 8,10: "Eis que a Virgem conceberá". Sl 39. Hb 10,4-10 = "Eis-me aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade". Lc 1,26-38 = Eis que conceberás e darás à luz um filho.

26 - sexta: Sb 2,1a.12-22 = Prendamos e condenemos o justo a uma morte infame. Sl 33. Jo 7,1-2.10.25-30 = "Não é este aquele a quem procuram tirar a vida?"

27 - sábado: Jr 11,18-20 = Manso cordeiro conduzido à matança, eu ignorava as maquinações. Sl 7. Jo 7,40-53 = Os chefes tramam contra Jesus: "Da Galiléia não sai profeta algum".



5.ª SEMANA DA QUARESMA

29 - segunda: Dn 13,1-9.15-17.19-30.33-62 = Daniel livra Susana, inocente. Sl 22. Jo 8,12-20 = Jesus livra uma mulher adúltera.

30 - terça: Nm 21,4-9 = Quem olhava para a serpente, ficava curado. Sl 101. Jo 8,21-30 = Quando tiverdes levantado o Filho do homem, o reconheceréis.

31 - quarta: Dn 3,14-20.91-92.95 = Deus livra os três jovens na fornalha. Cânt.: Dn 3,52-56. Jo 8,31-42 = A verdade vos livrará.



Confusão na cabeça da criança

Wimer Botura Jr.

(Continuação)

O uso de posturas ou palavras extremadas, os chamados superlativos, tanto aumentativos como diminutivos, como: "sempre, nunca, toda vez, extraordinário, incrível, maravilhoso, terrível, fantástico, absurdo" caracterizam um tipo de comunicação problemática. É interessante notar que a utilização dessas palavras está sempre acompanhada pela ênfase da comunicação não-verbal. Ou seja, além das palavras superlativas trazerem já o seu exagero natural, são reforçadas pelas atitudes nos seus aspectos negativos da grandiosidade.

Dando dimensões distorcidas aos fatos, os pais acabam gerando nas crianças a sensação de confusão. Tenho observado, em meu trabalho, que uma pessoa grandiosa, com tendência a maximizar os fatos, normalmente se associa a outra que os minimiza. É incrível como este "casamento" favorece a confusão na cabeça da criança. Há uma necessidade essencial do ser humano, principalmente nos seus primeiros anos de vida, de absorver informações que componham um quadro de referência estável. A criança educada por pais "grandiosos" crescem com este quadro de referência confuso e irá, no futuro, procurar pessoas que lhe dêem parâmetros estáveis — nem sempre bons, mas estáveis —, porque se sente incapaz e insegura diante da vida. As pessoas que se utilizam de posturas e percepções extremadas carregam emoções também grandiosas e, ao se dirigirem aos outros dessa maneira, acabam empurrando a vida de todos a uma intensidade que não é real.

Outro aspecto importante em re-

A pessoa perfeccionista tem a crença de que não foi aceita, portanto precisa se tornar insubstituível para que os outros a percebam e necessitem dela. Somente assim irá se assegurar de sua importância.



Foto: Avelino S. de Godoy

lações extremadas é o ciúme que se desperta ao redor. Se tecemos elogios ou atenção exagerados a uma pessoa, pode parecer que estejamos negando as outras. O excesso de elogios, a admiração ou a atenção exagerada são características da grandiosidade, que muitas vezes escondem uma competição disfarçada entre irmãos, primos, vizinhos, amigos, etc.

Da mesma forma, dentro de relacionamentos amorosos, um dos parceiros pode monopolizar os extremos e fazer

com que o outro se sinta incapaz. O uso de correções constantes ao que o outro expõe, como: "Não é bem assim, benzinho", constrói um diálogo infrutífero. Se tudo o que o parceiro diz é passível de correção, é porque ele sempre está errado e a verdade é de quem o corrige. Existem pessoas que têm a compulsão por reparos na percepção do outro, negam o tempo todo o que o outro tem a oferecer, portanto cometem agressão de uma maneira muito sutil, como se o estivessem protegendo de um mundo que ele vive e é cruel. Este comportamento pode causar no outro uma sensação de inadequação ou de que está sempre errado.

Você já se sentiu imprestável alguma vez? Quase todos nós já tivemos esta sensação. Você pode ter realmente cometido um erro grave, que merecia reparos, mas pode ter tido essa sensação, sem ao menos saber se fez algo comprometedor. Examine seus relacionamentos na ocasião em que se sentiu desta maneira. Será que as pessoas, ou a pessoa, ou a sua santa e sagrada família, não deram o estímulo que você precisava para se sentir um fracassado? Suas referências naquele momento eram perfeccionistas e maravilhosas, eram pessoas que têm resposta para tudo? Eram pessoas que parecem perfeitas?

O convívio com pessoas perfeccionistas é possivelmente uma das maiores fontes de agressões silenciosas, ainda mais para a criança que está descobrindo o mundo, a vida e sua personalidade. Mesmo na fase adulta, relações desse tipo são desastrosas. A pessoa perfeccionista tem a crença de que não foi aceita, portanto precisa se tornar >>>

Vamos cozinhar?!

Entrada **SALADA DE TOMATES**



Ingredientes:

Tomates meio verdes ou vermelhos de textura firme.

Modo de preparar:

1. Corte-os em rodelas e tempere a gosto.
2. Guarneça a salada com cebola, pimentões (vermelhos e verdes) cortados em rodelas finas e folhas de alface.



Prato principal **BOLO DE BATATA**

Ingredientes:

1kg de batata cozida e espremida
 1 colher/sopa cheia de manteiga ou margarina
 1 pires bem cheio de queijo ralado
 3 ovos
 3 colheres/sopa de farinha de trigo
 Cebola ralada e salsa a gosto
 Farinha de rosca para untar a forma



Recheio a gosto:

Presunto e queijo prato
 Carne moída refogada ou frango refogado e desfiado com catupiry.

Modo de preparar:

1. Cozinhe bem as batatas, com um pouco de sal.
2. Descanse e passe pelo espremedor, ou amasse com um garfo; coloque em uma tigela e acrescente a manteiga ou margarina, o queijo ralado, a cebola ralada e a salsa.
3. Deixe esfriar um pouco e acrescente as farinhas de trigo e os ovos ligeiramente batidos.
3. Unte uma forma de bolo redonda c/ furo no meio, com margarina e farinha de rosca.
4. Cubra o fundo da forma com $\frac{1}{3}$ da massa, coloque metade do recheio, acrescente mais $\frac{1}{3}$ da massa, coloque a outra parte do recheio e cubra com o restante da massa, salpique um pouco de queijo ralado por cima.
5. Asse em forno médio até dourar. Retire do forno, espere esfriar e desenforme.

Sobremesa **BOM-BOCADO DE LIQUIDIFICADOR**

Ingredientes:

2 xícaras/chá de leite
 1 e $\frac{1}{2}$ xícara/chá de açúcar
 1 xícara/chá de fubá
 1 e $\frac{1}{2}$ xícara/chá de queijo ralado.



- 1 colher/sopa de fermento em pó
- 2 colheres/sopa de manteiga
- 1 colher/chá de baunilha
- 3 ovos inteiros
- 1 pitada de sal

Modo de preparar:

1. Bata tudo no liquidificador
2. Despeje em forminhas untadas e leve para assar.



Tomate: consumido cru ou cozido, contém poucas calorias. Boa fonte de vitamina

A e C, folato e potássio. Também contém licopeno, um antioxidante que protege contra alguns tipos de câncer. Comer tomates regularmente diminui o risco de câncer da próstata, nos homens. O suco de tomate

puro servido com salsa ajuda a dissolver cálculos renais e, na luta contra infecções em geral, exerce efeito antisséptico no corpo, neutralizando resíduos ácidos.

>>>> insubstituível para que os outros a percebam e necessitem dela. Somente assim irá se assegurar de sua importância. Na verdade, essas pessoas têm

um enorme medo da solidão, embora quanto mais perfeitas se apresentem, mais se afastem dos outros, pois se tornam modelos inatingíveis. Quem con-

vive com pessoas inatingíveis sente-se imprestável. (Continua.)

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: Agressões silenciosas, Ed. O.L.M., SP.





É O RESULTADO DOS DENTINHOS
AFIADOS DA KIKA!



POIS É! AGORA FICAMOS SEM ÁGUA PARA TOMAR
BANHO, COZINHAR, LAVAR ROUPA... MUITO
BONITO!

VIU NO QUE DÁ
DESPERDIÇAR?



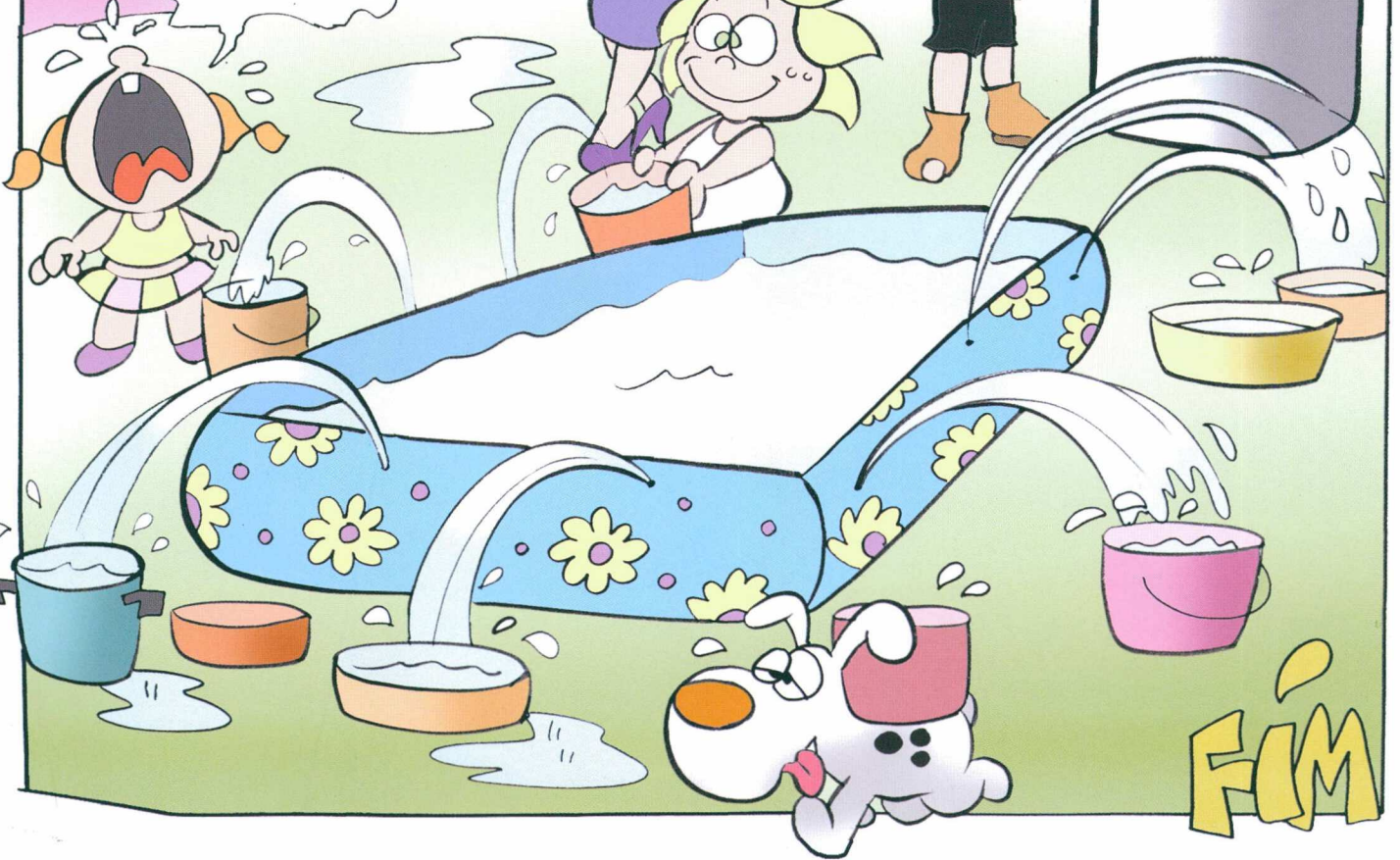
CALMA, GENTE...NEM TUDO
ESTÁ PERDIDO!

ENTÃO...

VAMOS LÁ, GENTE! VAMOS ECONOMIZAR! VAMOS ECONOMIZAR!



BUAAAAAH!

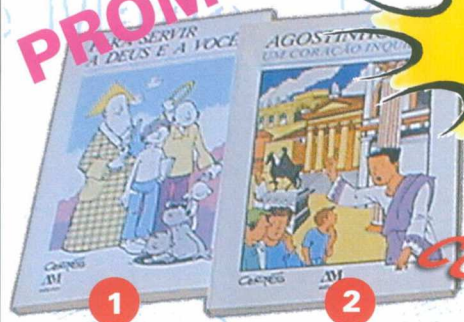


FIM

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.

NOVA PROMOÇÃO

Grátis!



COLEÇÃO "SANTOS - OS AMIGOS DE JESUS"



ESCOLHA UM LIVRO PARA VOCÊ E UM PARA CADA NOVO ASSINANTE!

• Renove **SUA ASSINATURA** da revista Ave Maria por mais um ano e consiga **UM NOVO ASSINANTE**. Você ganha 1 livro e o novo assinante ganha outro.

• Junte o valor da **RENOVAÇÃO** de sua assinatura (R\$ 25,00) ao valor da **ASSINATURA NOVA** de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00) e deposite o total: **R\$ 50,00** em uma das contas abaixo:

- 1) Banco Itaú - Agência 0061 – Conta Corrente 51519-3 ou
- 2) Banco do Brasil - Agência 2445-7 - Conta Corrente 8646-0

• Em nome de: **CMF - Revista Ave Maria.**

Depois envie os cupons abaixo preenchidos juntamente com uma cópia do comprovante de depósito para:

**Revista Ave Maria - R. Martim Francisco, 636 - 1º andar
CEP 01226-000 São Paulo, SP**

• Mais informações: Ligue grátis 0800-555-021

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:.....

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP:

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

Assinatura Data...../...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:.....

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP:

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

MARIA
Ave
REVISTA MENSAL - FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SPM
AVE MARIA
CORREIOS